

VOLUME 30 | NÚMERO 75 | DEZEMBRO 2019

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO



ARTIGO

Mobilidade e Memória:
Tecendo Interrelações
entre Turismo e
Envelhecimentos

ENTREVISTA

Vilma Arêas

PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Alegria de Viver:
Envelhecimento com Poesia



Sesc São Paulo

Av. Álvaro Ramos, 991
03331-000 São Paulo - SP
Tel.: +55 11 2607-8000
sescsp.org.br

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

VOLUME

30

NÚMERO

75

DEZEMBRO

2019

ISSN

2358-6362

Produção técnica editada pelo
Sesc – Serviço Social do Comércio

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de
São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

Técnico-Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

Administração Luiz Deoclécio

Massaro Galina Assessoria Técnica e de

Planejamento Sérgio José Battistelli

GERENTES

Estudos e Programas Sociais Cristina Riscalla

Madi Adjunta Cristiane Ferrari *Artes Gráficas*

Hélcio Magalhães *Adjunta* Karina Musumeci

COMISSÃO EDITORIAL

Neide Alessandra Périgo Nascimento
(coordenação), André Venancio da Silva,
Adriana Reis Paulics, Adriano Alves Pinto
Campos, Cristina Fongaro Peres, Danilo
Cymrot, Fernanda Andrade Fava, Flavia
Rejane Prando, Gabriel Alarcon Madureira,
Gustavo Nogueira de Paula, Ioná Damiana
de Souza, Jair de Souza Moreira Júnior,
Julio Cesar Pereira Júnior, Mariana Barbosa
Meirelles Ruocco, Octávio Weber Neto,
Rosângela Barbalacco, Susana Coutinho de
Souza Cerveira, Thais Helena Franco

Editoração Thais Helena Franco

Produção Digital Ana Paula Fraay

Fotografias Capa:, pág. 8 e 9, 94 a 103:

Rodrigo Fonseca; pág. 86, 87, 91 e 93:

Kazuo Kajihawa; pág. 104: Karla Priscila.

Revisão Samantha Arana

Projeto Gráfico Marcio Freitas

e Renato Essenfelder

**Artigos para publicação podem ser
enviados para avaliação da comissão
editorial, no seguinte endereço:**

revistamais60@sescsp.org.br

Mais 60: estudos sobre envelhecimento

/ Edição do Serviço Social do Comércio.

– São Paulo: Sesc São Paulo, v. 30, n. 75,

Dezembro. 2019 –.

Quadrimestral.

ISSN 2358-6362

Continuação de A Terceira Idade: Estudos
sobre Envelhecimento, Ano 1, n. 1, set. 1988-
2014. ISSN 1676-0336.

1. Gerontologia. 2. Terceira idade. 3. Idosos.
4. Envelhecimento. 4. Periódico. I. Título. II.
Subtítulo. III. Serviço Social do Comércio.
CDD 362.604



CAPA

Marcelo Tolentino

É artista e ilustrador.

marcelo.m.tolentino@gmail.com

SUMÁRIO

- 1 PÁGINAS DE 8 A 19
Destaque da edição
Mobilidade e Memória: Tecendo Interrelações entre Turismo e Envelhecimentos
por Susana de Araujo Gastal e Felipe Zaltron de Sá
- 2 PÁGINAS DE 20 A 37
Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias: O Caso da Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)
por Patrícia Aparecida da Silva Novak e Marcelo Vilela de Almeida
- 3 PÁGINAS DE 38 A 55
A Aplicabilidade do Estatuto do Idoso nos Dias Atuais
por Elizabete Costa Fagnoni
- 4 PÁGINAS DE 56 A 67
Projeto Papo com Homens no Sesc Pará: Um Relato de Experiência
por Claudia Irene Ferreira da Silva
- 5 PÁGINAS DE 68 A 85
Educação Permanente na Vida de Pessoas Idosas Frequentadoras do Sesc São Paulo
por Sandra Carla Sarde Mirabelli e Suzana Carielo da Fonseca
- e PÁGINAS DE 86 A 93
ENTREVISTA: Vilma Arêas
- J PÁGINAS DE 94 A 103
ESCULTURA: Marcelo Tolentino
- P PÁGINAS DE 104 A 107
PAINEL DE EXPERIÊNCIAS: Alegria de Viver: Envelhecimento com Poesia
por Paula Cristina Bernardo
- r PÁGINAS DE 108 A 109
RESENHA: Ella e John: Uma Trajetória pelo Amor
por Ioná Damiana de Souza



Turismo e os Idosos no Sesc: O Protagonismo no Olhar

Danilo Santos de Miranda

Diretor do Sesc São Paulo



Em um contexto em que as pessoas estão mais “virtuais”, o exercício do cuidado para que a socialização não fique em segundo plano parece necessário. Nessa perspectiva, o turismo, com seu essencial deslocamento físico, pode assumir um papel desencadeador para colocar o sujeito como objeto central, em uma perspectiva mais humanizada da presença.

A atividade turística oportuniza novos conhecimentos, experiências e trocas para os sujeitos, em quaisquer fases da vida. Pode abarcar, assim, um fenômeno mais profundo, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo de forma marcante. A evidência de que o turismo pode ser uma força social relevante, desde que conectada a valores como diversidade e

cidadania, permeou as realizações do chamado turismo social que, em 2018, completou 70 anos no Sesc. Tal proposta se insere no contexto maior da educação permanente, integrando-se a outros programas das áreas de lazer, cultura, atividade física e saúde.

A democratização do acesso à atividade turística na educação pelo e para o turismo faz toda a diferença no Programa Turismo Social do Sesc, pois o sujeito é protagonista em cada olhar, complemento ou reflexão feita no trajeto e em todo o desenrolar da prática, assim como no Trabalho Social com Idosos. As afinidades entre essas frentes de ação ultrapassam a incidência dessa faixa etária, configurando uma convergência conceitual ao estimular a consciência crítica dos viajantes idosos que fazem parte deste processo de contatos e trocas simbólicas e materiais.

Ambos os programas, Turismo Social do Sesc em São Paulo e Trabalho Social com Idosos evidenciam, sem descartar suas características específicas, o compromisso ético da educação permanente e do desenvolvimento integral do indivíduo. ➡



*Artigo
da capa*

Mobilidade e Memória: Tecendo Interrelações entre Turismo e Envelhecimentos

[Artigo 1, páginas de 8 a 19]





Susana de Araujo Gastal

Doutora em comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), fez estágio pós-doutoral na Universidade Católica Portuguesa e foi bolsista de Produtividade CNPq. É professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade na Universidade de Caxias do Sul (RS). Ênfases de pesquisa: pós-modernidade; cidade, cultura e turismo; gastronomia; imagem; imaginários.
susanagastal@gmail.com

Felipe Zaltron de Sá

Mestrando em turismo e hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul (RS). É bolsista pela Capes/Prosc. Ênfases de pesquisa: pós-modernidade; cidade, cultura e turismo; mobilidade.
felipezaltrondesa@gmail.com



Artigo 1Mobilidade e Memória: Tecendo Interrelações
entre Turismo e Envelhecimentos**RESUMO**

O presente artigo busca discutir os processos contemporâneos associados ao envelhecimento e à prática do turismo nessa faixa etária. As viagens implicam pensar a mobilidade, que altera as relações espaço-temporais, entre outras, ao tornar primordial a presentificação do vivenciado, com consequências diretas sobre as memórias pessoais e coletivas. Portanto, o artigo, de teor ensaístico, objetiva repensar o envelhecer e sua relação com o turismo. No que segue, discute-se o processo de envelhecimento e os desdobramentos nos imaginários velho senil e velho infantil e a apropriação do segundo pelo turismo no programa Viaja Mais Melhor Idade. Considera-se que mesmo que os ditames da nova economia da longevidade afetem diretamente o turismo, é necessário considerar os lados humano e social das atividades que envolvem as viagens.

Palavras-chave: turismo; velhice; mobilidade; memória; Viaja Mais Melhor Idade.

ABSTRACT

This paper discusses the contemporary processes associated with aging and tourism. Travel implies thinking about mobility, which alters space-time relations, among others, by promoting as primordial the presentification of the lived experience and its consequences for personal and collective memories. Therefore, the essay aims to rethink aging and its relationship with tourism. In the following pages we discuss the aging process and old-senile and old-child imaginary, and the appropriation of the second by tourism in the project Viaja Mais Melhor Idade. The new economy of longevity affect tourism consumption directly but it's necessary to consider the human and social implications of travel activities..

Keywords: tourism; old age; mobility; memory; Viaja Mais Melhor Idade.

INTRODUÇÃO

No momento contemporâneo – época que tem sido designada como pós-modernidade –, duas faixas etárias convivem no que genericamente é tratado como *velho*: as assim tratadas como *terceira idade*, indicando aqueles com mais de 60 anos; e os agora incluídos na *quarta idade*, aquelas pessoas com mais de 80 anos, que se beneficiam dos avanços da medicina e da maior qualidade de vida a que foram expostos nas últimas décadas. Em ambos os casos, estamos frente a um fenômeno de longevidade inédito na história humana e com o qual as unidades sociais, de forma geral, ainda não estão plenamente preparadas para lidar. O que inclui as ofertas e as práticas associadas ao lazer e ao turismo.

Enquanto a quarta idade reúne os que alcançam idade avançada, mas seguem padrões tradicionais para o dito *ser velho*, a terceira idade – que para fins desse artigo vamos tratar como fase da *envelhecimento* – é fruto das importantes alterações sociais que assinalaram os momentos que se seguiram à Segunda Grande Guerra europeia. Dentre elas, estão aquelas desencadeadas pelas comunidades afrodescendente (*black power*), homossexual (*gay power*), feminista (*woman's lib*) e jovens (*hippie*). Com maior ou menor ênfase, os impactos de tais movimentos, de forte apelo político, propugnaram a difusão de novos valores e significados, alterando modos de ser pessoais e coletivos em termos de sociabilidade, sexualidade, relação com o próprio corpo e desenho familiar, dentre outros. A emergência de uma geração de velhos formada por pessoas partícipes desse novo desenho sociocultural virá em momento subsequente, quando a maturidade etária desse grupo acontece.

Essa geração, nascida entre 1945 e 1955, tratada como geração *baby boomer*, tendo lutado pela reformulação dos direitos civis e pela qualidade de vida, vivenciou novas formas de ser e estar no mundo a cada nova faixa etária que adentrou. Na atualidade, ela está envelhecendo e o faz de forma diferenciada – são os *neovelhos* da pós-modernidade –, não só porque um número maior de sujeitos alcança idade mais avançada, considerando-se a população em geral, mas também porque eles não querem ser vistos à semelhança dos velhos de gerações anteriores ou dos que hoje estão na quarta idade, “uma vez que eles realmente viveram uma experiência geracional totalmente distinta” (Pollini, 2014, p. 20).

O desenho familiar, com menos crianças e maior número de idosos, significará, segundo Felix (2019, p. 13), que “(...) a nova família altera sua cesta de necessidades e de consumo. A essa transformação estrutural denomina-se economia da longevidade (*silver economy* ou *longevity*

Artigo 1

Mobilidade e Memória: Tecendo Interrelações entre Turismo e Envelhecimentos

1 *Doce de Mãe*, seriado com 14 episódios, com direção de Ana Luiza Azevedo e Olívia Guimarães e direção-geral de Jorge Furtado, exibido entre 30 de janeiro e 8 de maio de 2014, na Rede Globo. Narra peripécias de uma octogenária nada convencional nas suas relações sociais e familiares. O seriado ganhou o Emmy Internacional de Melhor Comédia (2014).

economy)”. A economia da longevidade incluirá despesas com academia, tratamento estético, lazer e viagens. Também implicará na sua apropriação como segmento de mercado, sob o rótulo de *melhor idade*. Sobre tal rotulação, a personagem Picucha, interpretada por Fernanda Montenegro no seriado *Doce de Mãe*, faz a seguinte afirmação: “Essa história de melhor idade é só pra vender pacotes de turismo para velho”.

Por que tal tratamento é considerado pejorativo e desabonador? Talvez porque traga implícito certa infantilização da faixa etária, não fazendo jus aos históricos pessoais e coletivos daqueles que se empenharam, nos anos 1960, em reinventar modos de viver. Tal percurso passa pelo reconhecimento das especificidades de cada sujeito na faixa etária, no qual duas questões podem ser destacadas como prioritárias, inclusive por seus desdobramentos sobre a saúde física, mental, afetiva e sobre as práticas turísticas: mobilidade e memória.

A mobilidade espacial, mais especificamente, envolve formas de percepções espaço-temporais nos percursos internos das cidades ou nos deslocamentos turísticos para além delas, demandando adequações nas estruturas físicas dos lugares. Acrescenta-se que o *estar* no mundo contemporâneo só pode ser repensado pelo viés da mobilidade (Lash; Urry, 1994) e, ainda que o deslocamento físico-espacial seja essencial, o psíquico afetivo será o mais afetado ao envolver o modo como as pessoas experimentam o mundo e produzem sua própria subjetividade, entre outros, através da memória.

Dessa maneira, a memória e as afetividades estarão entrelaçadas ao movimento, por se tratar de um processo que, ao desenhar o presente, condiciona o futuro e pode ressignificar o passado. Significa dizer que a memória, na sua subjetivação através da mobilidade física, psíquica e afetiva, acrescenta complexidade às vivências cotidianas dos envelhecidos e dos velhos, por si só já complicadas. Passado, presente e futuro confundem-se não só em termos temporais, mas também em termos espaciais, porque a viagem, quando acontece, se dá tanto percorrendo lugares como também alimentando memórias.

No viés das viagens, os discursos sobre a memória, tão caros ao turismo, ganham certa obviedade ao serem tratados como item de mercado, não só por desconhecerem as subjetividades, mas por se colocarem na contramão das demandas dos novos segmentos de consumidores de viagens, entre eles aqueles considerados como *melhor idade*, muito mais exigentes em termos de qualidade e originalidade (Gastal; Possamai; Negrine, 2010).

PERFORMATIVIDADE NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Nos processos contemporâneos de envelhecimento emergem marcas significativas de novos modos de ser e estar no mundo, redesenhando cotidianos, territorialidades e modos de desfrute do lazer. Laslett (1989) propõe uma diferenciação não cronológica entre terceira idade e velhice (quarta idade), sendo a primeira o momento da satisfação pessoal e, a segunda, o período da dependência, da decrepitude e da proximidade da morte. Para Bobbio (1997), o sexagenário (terceira idade) está velho somente no sentido burocrático, porque chegou à idade em que geralmente tem direito a uma aposentadoria. Já o octogenário (quarta idade) seria aquele considerado como um velho decrépito, de quem não valeria a pena se ocupar. Nos dias atuais, aproximar-se dos 80 anos seria como estar na idade média de vida, conforme o filósofo italiano.

Sobre o sexagenário, na contemporaneidade a faixa etária vem marcada pelo caráter de reinvenção da velhice pela geração *baby boomer*. Isso implica dizer que tais sujeitos não teriam convivido ao longo de suas vidas com modelos que agora pudessem orientar suas vivências nessa etapa, desvinculando-os das amarras a padrões das gerações anteriores. De certa maneira, as subjetividades ganharam espaço de expansão sociocultural, tanto do ponto de vista individual, como do coletivo (Laslett, 1989; Silva, 2008).

Dois imaginários, portanto, emergem desses processos. No primeiro, está o envelhecer nos moldes tradicionais, que coloca a velhice como tempo de descanso, quietude e inatividade: a morte antes da morte. Para Silva (2008), tais sujeitos não conseguiriam, não poderiam ou não queriam criar para si uma velhice autônoma, ativa e prazerosa, fixando-se ao modelo de *velho senil* atrelado às questões de decrepitude, talvez até de forma indiferenciada de sua idade biológica e fisiologia. A decrepitude envolve perdas nas capacidades cognitiva e de memória, levando a "(...) lapsos de memória, dificuldade de aprendizado e falhas de atenção, orientação e concentração" (Schneider; Irigaray, 2008, p. 591) e à dependência, à fragilidade ou às ausências.

Tal imaginário se vê confrontado com a envelhescência associada ao "(...) estímulo à atividade, à aprendizagem, à flexibilidade, [ao] aumento da satisfação pessoal e à formação de vínculos afetivos inéditos" (Silva, 2008, p. 802). Essa característica relacionar-se-ia com o que seria o *velho infantil*, aquele sujeito designado pela expressão *melhor idade* e assim incorporado na mídia, na moda e no turismo, imbricado em modelos sociais, estéticos e afetivos que ocultariam sua decadência fisiológica e cognitiva. Portanto, trata-se de um tratamento



Nos dias atuais, aproximar-se dos 80 anos seria como estar na idade média de vida, conforme o filósofo italiano Norberto Bobbio. (1997).

que “(...) enfraquece a percepção da mesma como problema coletivo e, conseqüentemente, reduz a responsabilidade social no seu acolhimento” (p. 807). Ou seja, ainda que depreciativo, esse segundo imaginário representa um olhar sobre os velhos que exclui “(...) outros modos de envelhecer, em especial este cujas principais características seriam o descanso e a inatividade” (idem).

Em comum aos dois imaginários, está a velhice relacionada à dispensa das obrigações que marcam a vida adulta, ao estabelecer laços que se engajam em “(...) novas obrigações apenas na medida que estes se harmonizassem com seus interesses e perspectivas” (idem, p. 804). A velhice, e em especial a terceira idade, seria a fase da realização dos desejos internos com maior liberdade se considerado o praticado durante a fase adulta, com seus comprometimentos familiares e profissionais. Os desejos a serem atendidos incluiriam a disponibilidade para viajar, conhecer novos lugares e estabelecer novas relações.

Em decorrência, no momento em que o velho e o envelhecimento se transformam em segmento de consumo, principalmente para o turismo, não há lugar para o *velho senil*, pois este não teria condições físicas, biológicas e socioculturais para envolver-se em atividades de lazer externas a sua morada. Já o *velho infantil*, construído e cobiçado pelo mercado do lazer e das viagens, torna-se tão importante quanto a criança e o adolescente como novo segmento específico de consumidores, mesmo que para o desfrute do turismo, adaptações se façam necessárias nos locais visitados.

Na contramão dos processos de consumo, a literatura especializada compreende o envelhecimento como processo e o velho como sujeito desse processo no qual, na sua complexidade, emergem possíveis categorias e indicadores de análise. Pela sua diversidade, selecionamos para o presente estudo dois, entre os propostos por Bobbio (1997): a subjetiva e a sociocultural. Com elas, entrelaçaremos velhice e turismo pelo viés do Programa Viaja Mais Melhor Idade, instituído pelo Ministério do Turismo no Plano Nacional de Turismo 2007-2010, para a seguir recolocarmos em discussão os imaginários já comentados.

Subjetivo – Por mais que o processo de envelhecimento possa ser influenciado por fatores como gênero, classe social, condições de saúde, entre outros, a grande diferença na geração de neovelhos está pautada pela subjetividade dos sujeitos, entre outros, na percepção do tempo cronológico e do tempo (em) deslocamento. O tempo cronológico envolve, além do fisiológico, questões estéticas, memórias e afetividades nas trocas com outros sujeitos. O tempo (em) deslocamento associa-se à maior presentificação das vivências, em detrimento do refúgio nas memórias e no passado, ou mesmo, preocupações com o futuro.

A mitologia grega contribui para pensar sobre os tempos cronológico e (em) deslocamento através da figura de Hebe, filha de Zeus e Hera, que era a responsável por alimentar os deuses com o néctar da imortalidade e juventude eterna (Sears, 2010). Um descuido ao derramar o néctar sobre um dos deuses promoveu seu banimento da função e seu desterro para junto das Musas (responsáveis por rememorar passado e futuro para poetas, artistas e adivinhos) e das Horas (responsáveis por estabelecer as horas e as estações do ano, promoviam a legalidade, a paz e a justiça no mundo humano), passando a abençoá-las com a juventude eterna.

Da mesma deusa Hebe origina-se a palavra *hebefrenia*, que designa uma forma de esquizofrenia em adolescentes, em que há perda cognitiva e de memória, afetando deslocamentos espaço-temporais e afetividades, mas com sintomas muito semelhantes aos imputados ao *velho senil*, no qual há declínio do “(...) funcionamento cognitivo provocado pela falta de prática da memória, de motivação, confiança, além da solidão e isolamento” (Schneider; Irigaray, 2008, p. 591). Mas tal conceito também pode ser estendido ao *velho infantil*, abençoado com a longevidade e levado à infantilização pelo tratamento mercadológico, que afeta comportamentos, afetividades e memórias. Ou seja, afeta a autoconstrução dos sujeitos na sua capacidade de exercer controle sobre a vida, o comportamento e o próprio processo de envelhecimento.

Sociocultural – Como ponto de vista sociocultural, a geração *baby boomer* esteve e está relacionada a novas experiências vivenciais, entre outras, em relação ao território e ao lugar. Entretanto, a expressão terceira idade tem sido utilizada para tornar homogênea a faixa etária, composta de sujeitos diversos em termos sociais, culturais e nas experiências no processo de envelhecimento, em parte anterior à própria velhice (Silva, 2008). Isso leva ao que pesquisadores (Wiles; Leibing; Guberman; Reeve; Allen, 2011) têm tratado como *aging in place*, um guia para políticas públicas e privadas voltadas a promover a autonomia dos

Artigo 1Mobilidade e Memória: Tecendo Interrelações
entre Turismo e Envelhecimentos

velhos, que os leve a permanecer em sua própria casa o maior tempo possível, sem ajuda de um familiar, o que não raro pode se transformar em solidão e abandono pelos círculos afetivos. O discurso do *aging in place*, de certa forma, aproxima-se ao do *velho infantil*, ao qual é atribuído o manter-se ativo, prático, juvenil e independente.

Como parte da discussão, o lugar (*place*) estaria mais próximo da experiência e da ligação com o território. Em geral, as afetividades e as experiências dos velhos tradicionais estariam associadas a mobilidades espaço-temporais por lugares a que estejam conectados por laços criados e vivenciados ao longo de sua vida. Já a envelhecimento estaria aberta ao percorrer, ampliando territórios e círculos vivenciais, o que significa a aquisição de novas memórias e a reelaboração das memórias estabelecidas. O que pretendemos colocar é que, ao se priorizar o tratamento mercadológico do envelhecimento, estejamos, talvez, entregando à esfera do consumo questões importantes, como as relacionadas à memória e à (re)construção do passado, que necessita do discurso de memória dos velhos para não se transformar num passado desabitado e desconectado do presente.

O TURISMO DO VIAJA MAIS MELHOR IDADE

O programa do Ministério do Turismo, Viaja Mais Melhor Idade, foi pensado para promover destinos na baixa temporada, ao mesmo tempo que incluía ofertas de viagens para a população idosa do país. Assim, tinha como objetivo “(...) proporcionar aos idosos, aposentados e pensionistas *oportunidade de viajar* e de usufruir os benefícios da atividade turística como forma de *fortalecimento* do setor de turismo no Brasil” (MTUR, 2007). O público-alvo do programa eram pessoas a partir de 60 anos, caracterizadas com a expressão *melhor idade*, a quem eram ofertados pacotes turísticos, hospedagem e transporte a preços diferenciados, no período de baixa sazonalidade, a fim de impulsionar o mercado interno durante esses meses. Na busca por reforçar a função social do turismo, o programa propunha “(...) fortalecer o turismo interno, promover o turismo como fator de desenvolvimento regional, assegurar o acesso de aposentados, trabalhadores e estudantes a pacotes de viagens em condições facilitadas” (MTUR, 2007, p.11). Ainda sobre o programa, De Carvalho e Da Silva (2014, p. 29) destacam:

Cabe considerar que os produtos turísticos para o público idoso devem atender a três critérios: conveniência, segurança e conforto (...). Esse público tende a ser menos propenso à exposição a riscos físicos, sociais e financeiros, ao contrário das faixas etárias menores, que têm maior tendência a se arriscar tanto em relação ao tipo quanto ao preço e a qualidade dos produtos consumidos. Pensando nessa questão, os pacotes turísticos com a marca “Viaja Mais Melhor Idade” deveriam oferecer pelo menos os seguintes serviços: (1) transporte de ida e volta (aéreo ou rodoviário); (2) hospedagem entre 3 e 8 dias; (3) no mínimo 2 passeios por pacote; (4) regime de meia pensão ou pensão completa; (5) *transfers* de ida e volta entre aeroporto e hotel; e (6) seguro de viagem.

O Viaja Mais Melhor Idade comercializou, no seu primeiro ano, 9 mil pacotes, número superior à meta programada de 7 mil vendas de viagens para doze destinos turísticos. Entre 2007 e 2010, o número de comercializações alcançou 599 mil, envolvendo quase 10% dos 5.565 municípios brasileiros. Assim, “(...) em 2010 havia 2 mil agências de viagem comercializando os pacotes turísticos do VMMI, além de 2.040 estabelecimentos de hospedagem e a Companhia Aérea Trip que ofereciam tarifas reduzidas para o público idoso” (De Carvalho; Da Silva, 2014, p. 30)².

A desativação do programa em 2017 é algo a lamentar, considerando-se a demografia do país. Se em 2010 o Brasil registrava 20,6 milhões de idosos, em 2019 o número deve alcançar pouco mais 29 milhões e, em 2020, o esperado é um crescimento de 14,5% na faixa etária com mais de 60 anos (IBGE, 2010). Por isso a importância da manutenção de tais programas como política pública. Atender ao aumento de demanda da população idosa traz para o turismo o desafio de promover atividades que envolvam não só o deslocamento, mas práticas de lazer e cultura a ele associadas, tanto para sexagenários como octogenários.

Os números alcançados pelo programa indicam não só sua importância sociocultural e turística, como também trazem à berlinda a necessidade de se discutir seu impacto sobre a construção da velhice no Brasil. O turismo não deve ser tratado apenas pelo seu viés econômico, mas ser visto com uma atividade humana com impactos importantes sobre os sujeitos (velhos) viajantes e sobre o grupo social com o qual convivem no cotidiano.

2 Após 2010, os dados sobre o programa são escassos. O programa teria sido desativado em 2017.

Artigo 1Mobilidade e Memória: Tecendo Interrelações
entre Turismo e Envelhecimentos**ENCAMINHAMENTOS**

Ao sinalizar a *melhor idade* como envelhescência, e ser exposto o conceito de emancipação e liberdade para a faixa etária entre os 60 e os 80 anos, considera-se que o seu tratamento como segmentação de mercado está acompanhado de certa infantilização e marcado pelo desconhecimento da complexidade do envelhecer. Ao mesmo tempo, a independência e a autonomia implícitas na expressão *melhor idade* desobrigaria ações do Estado em prol dos velhos. A expressão estaria, nesse viés, mascarando as implicações e os cuidados que o envelhecer demanda e alijaria do processo a quarta idade, representada pelos octogenários.

Nesse processo, o programa Viaja Mais Melhor Idade alcançou 599 mil pessoas, que visitaram mais de 500 municípios brasileiros entre os anos 2007 e 2010, período ímpar também na economia brasileira. São números bastantes expressivos para um programa que procurou atender especificidades físicas, sociais e econômicas dos partícipes. Entretanto, mesmo que a proposta considerasse a prática do turismo como uma atividade eminentemente social, ao utilizar a expressão *melhor idade* na sua nominação, mostrou considerar o público partícipe, em princípio, como segmento de mercado. Tal tratamento tem estado presente não só no turismo, mas também nas mídias e na moda, dentro do que se passou a chamar *economia da longevidade*, orientada por novos padrões de consumo, a partir do redesenho social e familiar.

O aqui arrazoado não pretende desconsiderar a importância das viagens para uma vida ativa, saudável e mais aberta às diversidades sociais, étnicas, de gênero e políticas, em todas as faixas etárias. Como colocado, a mobilidade no e pelo território amplia horizontes e ressignifica a relação com os lugares, inclusive o próprio, o de origem do viajante. A viagem também obriga à presentificação da vivência, minimizando refúgios no passado. Para pensarmos o envelhecer em processos de mobilidade, podemos mais uma vez trazer Bobbio (1997, p. 30), quando discorre sobre suas experiências de velho, nos lembrando que o “(...) mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos”.

Os imaginários do *velho senil* e do *velho infantil* foram moldados pelas suas performatividades, afetividades, memórias e estéticas. Essas influências diretas e indiretas, principalmente pelo consumismo, não alteraram somente os imaginários, mas também as construções

dos próprios sujeitos, e sua capacidade de exercer controle sobre a própria vida, comportamento e processo de envelhecimento. Portanto, o deslocamento (físico e afetivo), ao reconstruir novas relações espaço-temporais para os velhos, envolve não apenas questões cronológicas e burocráticas, mas principalmente as subjetivas e socioculturais que impactam a construção e reconstrução de memórias, muito associadas à autoimagem de si e de sua imagem para a sociedade. ☞

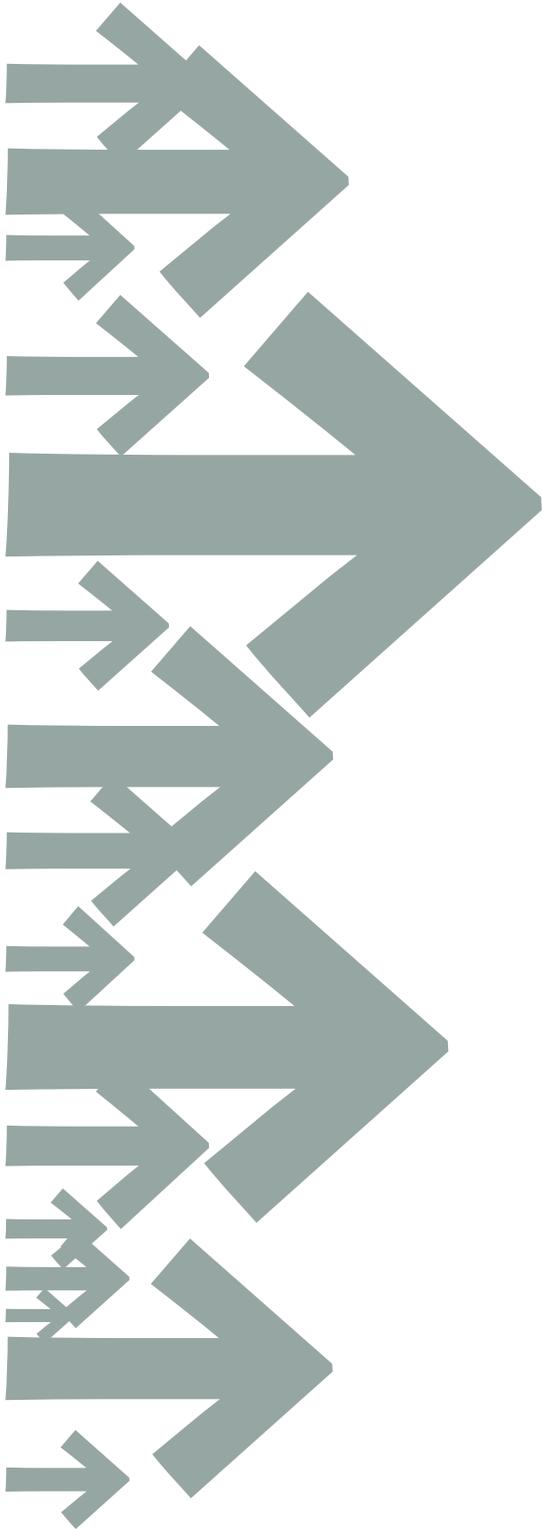
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOBBIO, N. *O tempo da memória: de senectute e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- DE CARVALHO, F. C.; DA SILVA, C. C. O turismo e a renda dos idosos: a experiência brasileira com o programa “Viaja Mais Melhor Idade”. In: *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos – Abet*, v. 4, n. 1, 2014, p. 26-34.
- FELIX, J. Economia da longevidade: um caminho para o desenvolvimento econômico. In: *Revista Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento*, v. 29, n. 73, 2019, p. 8-31.
- GASTAL, S.; POSSAMAI, A. M. P.; NEGRINE, A. S. A viagem e a memória do idoso: um estudo na região da Serra Gaúcha. In: *Revista Turismo em Análise*, v. 21, n. 1, 2010, p. 89-109.
- IBGE. Panorama Brasil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>. Acesso em: 20 out. 2019.
- LASH, S.; URRY, J. *Economies of sign and space*. Londres: Sage, 1994.
- LASLETT, P. *A fresh map of life: the emergence of the third age*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. *Programa Viaja Mais Melhor Idade*. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Viaja_Mais_Melhor_Idade.pdf. Acesso em: 20 out. 2019.
- POLLINI, D. O envelhecimento e a moda: tecendo reflexões. In: *Revista Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento*, v. 25, n. 61, jul. 2014, p. 8-25.
- SCHNEIDER, R.; IRIGARAY, T. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. In: *Revista Estudos de Psicologia*, v. 25, n. 4, 2008, p. 585-593.
- SEARS, K. *Tudo o que você precisa saber sobre mitologia*. São Paulo: Editora Gente, 2010.
- SILVA, L. R. F. Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional? In: *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 18, n. 4, 2008, p. 801-815.
- WILLES, J.; LEIBING, A.; GUBERMAN, N.; REEVE, J.; ALLEN, R. The meaning of “aging in place” to older people. In: *The Gerontologist*, v. 52, n. 3, 2011, p. 357-366.

2

Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias: O Caso da Oficina de Turismo Social - Viver São Paulo (UnATI/ EACH/USP)

[Artigo 2, páginas de 20 a 37]



**Patrícia Aparecida da Silva
Novak**

Graduanda em lazer e turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Monitora da Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo/Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI)/EACH/USP
patricia.novak@usp.br

Marcelo Vilela de Almeida

Docente do curso de graduação em lazer e turismo e do programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política (ProMuSPP) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Coordenador da Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo/Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI)/EACH/USP.
marcelovilela@usp.br

Artigo 2

Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:

O Caso da Oficina de Turismo Social –

Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

RESUMO

O presente texto aborda um projeto de extensão desenvolvido no âmbito da Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), a Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo. Oferecida semestralmente desde 2009 de forma ininterrupta, conta atualmente com a participação de aproximadamente 150 idosos(as) e já promoveu a visita a mais de cem diferentes locais do município de São Paulo. Por meio da história oral, realizou-se, entre julho e agosto de 2019, uma coleta de dados (entrevistas) junto a dez idosos(as) participantes da atividade, que relataram alguns aspectos relativos ao envolvimento com o projeto e os benefícios dele decorrentes para a memória, a aprendizagem e a sociabilidade, entre outros. Entre os principais aspectos mencionados pelas(os) entrevistadas(os) destacam-se os vínculos afetivos criados e/ou fortalecidos, a descoberta da cidade e de suas atrações, a aquisição de conhecimentos e as lembranças ativas por meio das visitas. Conclui-se que existe um forte sentimento de apropriação, por parte das(os) idosos(as), desta atividade e, conseqüentemente, da cidade, revelando o potencial educativo da oficina e a importância que tal participação adquire na expansão do universo cognitivo, bem como na construção de laços sociais.

Palavras-chave: turismo social; Oficina de Turismo Social Viver São Paulo; história oral; memória.

ABSTRACT

The current text is related to an extension project developed by Third Age Open University (Universidade Aberta à Terceira Idade - UnATI) from School of Arts, Sciences and Humanities (Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH) of University of São Paulo (Universidade de São Paulo – USP), the Social Tourism Workshop – Viver São Paulo. Since 2009, the workshop has been offered every semester uninterruptedly, with currently approximately 150 seniors taking part of it, and already promoted the visitation of more than 100 different places in the city of São Paulo. Between July and August 2019, data collection was realized through oral history, interviewing ten seniors who joined the activities, explaining aspects related to the involvement with the project and the benefits of it related to the memory, the learning, and the sociability, among others. Within the main aspects mentioned by the interviewees, the highlights were the affective bond created and/or strengthened, the discovery of the city and its attractions, the acquisition of knowledge and the memories brought back due to the visits. In conclusion, there is among the participants a strong feeling of appropriation of the activity and, consequently, the city, revealing the educational potential of the workshop and the importance that joining it has in the expansion of the cognitive universe, as well in the construction of social bonds.

Keywords: social tourism; Oficina de Turismo Social Viver São Paulo; oral history; memory.

INTRODUÇÃO

O presente texto aborda um projeto de extensão desenvolvido no âmbito da Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), a Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo. Oferecida semestralmente desde 2009 de forma ininterrupta, já promoveu a visita a mais de cem diferentes locais do município de São Paulo.

O constante convívio com as/os idosas(os) participantes da oficina e a relação de confiança estabelecida a partir deste convívio possibilitou, por meio da história oral, a coleta de dados de dez idosas(os) participantes da atividade, que relataram alguns aspectos relativos ao envolvimento com o projeto e os benefícios dele decorrentes para a memória, a aprendizagem e a sociabilidade, entre outros.

Inicialmente aborda-se, de forma breve, aspectos conceituais sobre turismo social que subsidiam a prática do projeto; em seguida, descreve-se a dinâmica da Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo e, posteriormente, apresentam-se os resultados parciais da pesquisa (em andamento)¹ com as/os idosas(os) sobre suas percepções a respeito do projeto em suas vidas.

A NOÇÃO DE TURISMO SOCIAL

Beni (1996), nos anos 1990, afirmava que o mundo estava no alvorecer de um novo tempo do turismo, “(...) uma era de viagens em escala maciça verdadeiramente global” (Beni, 1996, p. 73), e que pessoas de todas as classes sociais e de todos os países viajariam para todos os cantos do planeta; entretanto, não eram, até o fim do século XX – e ainda não são, de fato – todas as camadas da população que tinham/têm acesso às viagens: um grande contingente continuaria, ainda, excluído dos movimentos turísticos, por vários motivos, sendo a falta de condições financeiras o mais comum. Esse e outros fatores levariam ao surgimento, em diversos países, de mecanismos que facilitariam a inclusão de determinados grupos nos movimentos turísticos, tais como as/os trabalhadoras(es), as crianças e adolescentes, as pessoas com deficiência e as/os idosas(os).

A pesquisa de campo é parte integrante de monografia a ser apresentada ao curso de graduação em lazer e turismo da EACH/USP, orientada pela Profa. Dra. Valéria Barbosa de Magalhães.

Surge, assim, em meados do século XX, a noção de turismo social, definido por Walter Hunziker (apud Fúster, 1985, p. 693-694) como “(...) o conjunto de relações e fenômenos de ordem turística resultantes da

1 A pesquisa de campo é parte integrante de monografia a ser apresentada ao curso de graduação em lazer e turismo da EACH/USP, orientada pela profa. dra. Valéria Barbosa de Magalhães.

Artigo 2Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:
O Caso da Oficina de Turismo Social –
Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

participação de categorias sociais economicamente débeis”. Esta definição, tornada clássica pelos estudiosos, acabou sendo lapidada por outros pesquisadores e influenciada pelas encíclicas papais e pelas tendências socialistas do século XX, segundo Fúster (1985), passando a ser compreendida como:

(...) o conjunto de relações e fenômenos que provêm da participação no campo do turismo de estratos sociais economicamente débeis; participação que se faz possível ou se facilita por medidas de caráter bem definido, mas que implicam um predomínio da ideia de serviço e não a de lucro (Fúster, 1985, p. 694).

Uma noção importante que passa a ser incorporada mais recentemente ao conceito de turismo social é a de acessibilidade, visto que nem sempre a limitação socioeconômica é a principal responsável pela ausência de participação nos movimentos turísticos; entretanto, tal noção também adquire diferentes compreensões, variando de país para país e de acordo com os diversos contextos socioeconômicos (Diekmann; McCabe, 2011 apud Diekmann; Jolin, 2013). Para a Organização Internacional de Turismo Social (Oits), que incluiu tal noção em seu estatuto:

Trata-se de tornar o turismo, as férias e suas vantagens acessíveis não apenas às camadas sociais que auferem rendimentos modestos (como definido anteriormente), mas também àquelas com características particulares que constituem obstáculos a esta acessibilidade. Além disto, a nova definição estabelece que tal acessibilidade diz respeito tanto às populações que viajam como àquelas dos países visitados. Neste sentido, o turismo social introduz uma dimensão de solidariedade entre visitantes e visitados. Enfim, a definição determina que o atendimento a esta acessibilidade envolva ao mesmo tempo os atores da sociedade civil e os poderes públicos (Diekmann; Jolin, 2013, p. 5).

Entretanto, apesar de sua importância para a inclusão social nos movimentos turísticos e de lazer de significativas parcelas da população e de seu potencial como instrumento de educação não formal e de promoção da cidadania, o turismo social é, ainda, um fenômeno marginal se comparado ao turismo convencional oferecido pelo setor empresarial, compreendendo iniciativas mais ou menos significativas de acordo com a importância a ele atribuída mundo afora.

No Brasil, merece destaque a atuação do Serviço Social do Comércio (Sesc) desde as suas origens, em meados da década de 1940, por meio da criação de estabelecimentos de hospedagem e da organização de roteiros turísticos. No estado de São Paulo, por exemplo, as atividades de turismo social iniciam-se em 1948, com a inauguração do centro de férias Sesc Bertioga, localizado no município litorâneo de mesmo nome; e, em 1951, iniciam-se as atividades de turismo emissivo, por meio de excursões rodoviárias com pernoites.

A fim de contribuir para minimizar a ausência de iniciativas neste campo e, ao mesmo tempo, de possibilitar o engajamento da universidade no enfrentamento de tais questões como forma de cumprir seu papel no ensino, na pesquisa e na extensão universitária é que surge a Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo, cuja dinâmica será descrita a seguir.

A OFICINA DE TURISMO SOCIAL – VIVER SÃO PAULO

Criada no primeiro semestre de 2009, a Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo surge com o objetivo geral de possibilitar a ascensão sociocultural dos participantes (um dos objetivos do turismo social) por meio do deslocamento a pontos de interesse turístico-recreativo (seja pelo aspecto cultural e/ou natural) do município de São Paulo. Seus objetivos específicos são:

- Apresentar aos participantes as características de alguns dos principais atrativos e espaços/equipamentos turísticos e de lazer sob a perspectiva do turismo social;
- Propiciar a sociabilização dos participantes, o convívio intergeracional, a autonomia e a troca de informações e experiências entre eles a respeito dos conteúdos das visitas;
- Desenvolver um olhar diferenciado sobre a fruição turística (ainda que ocorrida na própria cidade em que vivem) que contemple aspectos como o direito à cidade, as memórias evocadas pelas visitas e a interação com o patrimônio cultural e natural e o ambiente urbano (mobilidade, acessibilidade etc.), entre outros.

Artigo 2

Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:

O Caso da Oficina de Turismo Social –

Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

A atividade prática baseia-se em encontros quinzenais com as (os) idosas/os, sendo que ao menos dois deles (o primeiro e o último) acontecem em sala de aula/auditório da EACH/USP, para apresentação do programa e para avaliação final/encerramento das atividades; os demais encontros (seis a sete, no total, com duração aproximada de duas horas cada) acontecem em locais de interesse turístico-recreativo do município de São Paulo (preferencialmente gratuitos).

Cabe às/aos monitoras(es) do projeto (estudantes de graduação) providenciar o agendamento das visitas aos locais definidos previamente e manter constante comunicação com os participantes por telefone (incluindo WhatsApp), e-mail e internet – blog da oficina², página³ e grupo na rede social Facebook⁴ – as(os) monitoras(es) devem, ainda, acompanhar as visitas, auxiliando as/os participantes, quando necessário, em relação ao acesso aos locais, interagindo continuamente com as/os alunas(os) da UnATI e com as/os monitoras(es) dos espaços.

Do ponto de vista da formação profissional das(os) estudantes envolvidas(os), além de possibilitar o contato com o tema, busca-se oportunizar a prática profissional do planejamento e operacionalização de atividades turísticas, tendo em vista não apenas uma formação tecnicista, mas, sobretudo, o protagonismo na condução de ações de inclusão social por meio da educação para e pelo o turismo. Espera-se, ainda, que as/os estudantes selecionadas(os) continuem envolvidas(os) com o tema em outros projetos (de iniciação científica e/ou monografia, por exemplo), a fim de integrar a ação extensionista à pesquisa e ao ensino – o que já vem ocorrendo em alguns casos, como é o caso do texto ora apresentado.

2 Disponível em: <http://oficinadeturismosocial.blogspot.com.br/>. Acesso em: 12 out. 2019.

3 Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/313991178783590/>. Acesso em: 12 out. 2019.

4 Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/313991178783590/>. Acesso em: 12 out. 2019.



A atividade prática baseia-se em encontros quinzenais com as (os) idosas/os em locais de interesse turístico-recreativo do município de São Paulo (preferencialmente gratuitos).

Durante todo o projeto, são realizadas atividades de avaliação tanto das(os) estudantes envolvidas(os) (quanto ao nível de engajamento e participação na condução das atividades) como das(os) participantes idosas(os), por meio do uso de instrumentos de avaliação adequados a cada caso – especificamente no caso das(os) idosas(os), utilizam-se formulários de avaliação das atividades, aplicados ao fim de cada semestre, para constante aperfeiçoamento do projeto.

A oficina tem sido uma das atividades mais procuradas pelas(os) idosas(os) no âmbito da UnATI/EACH/USP: no início do segundo semestre de 2019, por exemplo, recebeu em torno de 250 inscrições para 150 vagas disponibilizadas (que dão origem a três grupos de 50 pessoas para a realização das visitas). Tal procura é resultado do alcance midiático obtido pela atividade, a partir de reportagens realizadas sobre o projeto, como as exibidas na TV USP⁵, em 29 de maio de 2017, e no SPTV⁶, da Rede Globo, em 29 de julho de 2017.

Os resultados destes processos de convívio e aprendizagem intergeracional têm sido constantemente apresentados em eventos, como o Simpósio Aprender com Cultura e Extensão e, mais recentemente, no 4º Simpósio Internacional/5ª Conferência Anual da Federação Internacional de História Pública (2018). O detalhamento do projeto foi publicado como capítulos de livros no Brasil (Almeida; Cachioni, 2012) e em Portugal (Rodrigues; Almeida, 2018).

É importante destacar, ainda, que, embora a ideia tradicional de turismo compreenda o deslocamento do sujeito para fora do seu local de residência, optou-se por denominar esta atividade como turística a partir dos pressupostos teóricos defendidos por Gastal e Moesch (2007), que abordam os deslocamentos realizados por residentes em suas próprias cidades a partir da existência, no território urbano, de fixos (tais como praças, edifícios e monumentos) e de fluxos (ideias, comportamentos e culturas que movimentam e marcam este território):

As pessoas, moradoras ou usuárias das cidades, fazem parte dos fluxos que percorrem esses espaços. Colocar os moradores das cidades em movimento – assumindo sua condição de fluxos – para fora de suas práticas rotineiras será uma prática a ser incentivada, num mundo marcado pelos novos nomadismos. Este movimento irá transformar as pessoas em turistas, que irão, no deslocamento, apropriar-se com maior competência dos espaços e situações, num novo exercício de cidadania.

⁵ Disponível em: <https://youtu.be/2022iNCP50M>. Acesso em: 14 nov. 2019.

⁶ Disponível em: <https://globoplay.globocom/v/5973784/>. Acesso em: 14 nov. 2019.

Artigo 2Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:
O Caso da Oficina de Turismo Social –
Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

Para o cidadão turista, os fixos que compõem a cidade deixam de ser desconhecidos. O território torna-se familiar e, nele e com ele, constrói-se a relação de pertencimento e identificação, pois se passa a compartilhar seus códigos e, de posse dos mesmos, a situar a própria subjetividade em relação aos fixos presentes no urbano.

7 Grifo original.

Trata-se, assim, do conceito de *turista cidadão*⁷, envolvendo o habitante que desenvolve um relacionamento diferenciado com o local onde mora no seu tempo de lazer, quebrando o modelo existencial da sociedade industrial criticado por Jost Krippendorf (trabalho – moradia – lazer – viagem), de acordo com o qual o lazer – as práticas sociais capazes de restabelecer o equilíbrio físico e emocional do sujeito contemporâneo – só seria possível em lugares distantes da própria residência (Gastal; Moesch, 2007, p. 59-60).

Segundo as autoras (Gastal; Moesch, 2007), tais práticas seriam capazes, ainda, de modificar a visão alienante e meramente destinada ao entretenimento banalizado pela cultura de massas que – não sem razão – normalmente atribui-se ao turismo:

Por outro lado, falar em turista cidadão seria avançar no conceito, e supor o sujeito formado e politicamente atuante nessas práticas. O sujeito que entendeu os fixos precisa apropriar-se dos fluxos (...).

Em ambos os casos, a grande metodologia desencadeadora dos processos seria o estranhamento. Essa metodologia implicaria incentivar a leitura do não verbal como uma estratégia de destruição, na cidade, do seu sistema de ordem, estabelecido ante olhares sem inquietação. A destruição da ordem dada seria capaz de produzir um afastamento da cidade como espaço cotidiano rotineiro e ao qual se está habituado. Não é possível ler o que não se consegue estranhar. Essa distância estratégica entre o usuário leitor e seu espaço diário na cidade permite-lhe ler, ver e descobrir (Gastal; Moesch, 2007, p. 60-61).

Assim, tal estranhamento insere-se, implicitamente, como um dos objetivos da oficina, por meio do estímulo à busca de novos olhares

sobre os fixos da cidade, sobre a inserção dos atrativos no espaço urbano, sua localização e elementos de acesso, dentre outros.

A seguir, apresentam-se alguns resultados decorrentes da participação das(os) idosas(os) na atividade e seus efeitos nos âmbitos individual e social, coletados a partir do método da história oral.

PERCEPÇÕES DAS(OS) IDOSAS(OS) SOBRE A OFICINA DE TURISMO SOCIAL – VIVER SÃO PAULO

A história oral, enquanto metodologia, serve para rememorar e relembrar fatos da história de vida de sujeitos ou de uma coletividade, demonstrando que através de testemunhas e de depoimentos a memória é identificada como um processo de construção e reconstrução em momento presente, passando a ser uma parte da identidade que se refere a comportamentos e mentalidades coletivas, e o relembrar individual está relacionado à inserção social e histórica de quem está dando o depoimento.

Bosi (1994, p. 411) ressalta que “(...) por muito que deva à memória coletiva é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum”.

Um estudo pautado no relato oral é feito através do contato direto com as pessoas e seus sentimentos, suas sensibilidades e subjetividades, envolvendo suas histórias e suas memórias. As buscas a respeito da história de vida das pessoas idosas utilizam, frequentemente, a memória como expressão de suas vivências e lembranças.

A história oral é considerada fonte relevante para a compreensão da realidade e as entrevistas constituem sua base. No caso desta pesquisa, as entrevistas realizadas foram do tipo temáticas, pois tiveram como principal foco o indivíduo; a exploração do tema foi feita através de questões orientadas e de um roteiro temático que orientou a entrevistadora a buscar informações, durante a entrevista, precisas, localizadas, pontuais e relacionadas aos objetivos do estudo (Santhiago; Magalhães, 2015).

As entrevistas foram realizadas em dias distintos, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados:

- 17 jul. 2019: sete entrevistas com cinco mulheres e dois homens, com idades entre 56 e 79 anos, realizadas no Shopping Metrô Tatuapé (São Paulo, SP), no período da manhã, logo após participarem da caminhada matinal que fazem no local.

Artigo 2Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:
O Caso da Oficina de Turismo Social –
Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

- 19 jul. 2019: duas entrevistas com duas mulheres, com 67 e 79 anos, no ginásio da EACH/USP (São Paulo, SP), no período da tarde (entre 15h e 16h), antes do início da aula de dança sênior.

- 29 ago. 2019: uma entrevista com uma mulher de 72 anos, no saguão do Edifício Martinelli (São Paulo, SP), logo após a visita do grupo de participantes da Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo ao local.

Todas(os) as/os entrevistadas(os) assinaram a carta de cessão e concordaram que seus nomes fossem citados quando necessário. Durante as entrevistas, foram encontradas algumas dificuldades quanto ao entendimento das perguntas por parte de algumas/alguns das(os) entrevistadas(os), sendo necessária, por vezes, a intervenção da entrevistadora para uma explanação mais adequada da pergunta visando que fosse melhor compreendida e para que a resposta estivesse de acordo com os objetivos do estudo.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e os áudios de cada uma/um das(os) entrevistadas(os), referente às suas participações, foram enviados entre os dias 25 e 29 de setembro de 2019. Optou-se por apresentar a reprodução dos depoimentos sem edições ou correções. Para este texto, foram selecionados os trechos das entrevistas que tratam da adesão à oficina e das memórias evocadas pelas visitas.

O primeiro aspecto a ser destacado diz respeito ao ingresso na oficina. Para algumas/alguns dos participantes, o projeto representou uma primeira possibilidade de sentir-se turista em sua própria cidade:

Naquela época era de trabalhar, dois dias depois que eu cheguei, já fui trabalhar, não tinha muito como eu sair e conhecer os locais, nem dinheiro para gastar, né. Estou vivendo hoje, né, hoje, depois que fiquei viúva que eu comecei a andar por São Paulo, tô conhecendo, né? (entrevistada 4 – sra. Maria da Graça Guedes Ferreira, 79 anos).

Motivo maior foi o pôster dizendo: Viver São Paulo. Como eu só trabalhei em São Paulo, não tinha vivido nada, passear nem nada, então, viver; agora queria saber o que é Viver São Paulo, aí eu me inscrevi, isso foi em 2009, aí onde eu comecei e até hoje continuo, num paro mais (entrevistada 2 – sra. Ana Kumagai, 74 anos).

(...) Aí eu com a Sueli fomos lá para fazer inscrição e chegou lá a gente não sabia nada, só que pegava um número de senha e as vagas, aí que a gente foi ver aquela lista o que tinha (...) aí apareceu lá turismo social. Nossa, que será que é, né? Eu falei, que será turismo social? Como é que é Viver? Aí nós, ah, a única que interessou de tudo que tinha, desculpa, a gente resolveu entrar no turismo social e entramos e adoramos né? Então eu falo para a turma: a gente vai na USP para passear (entrevistada 1 – sra. Cecília Paulon da Costa, 72 anos).

Como pode ser observado no depoimento anterior, em alguns casos o primeiro contato com o projeto se dá de forma quase incidental, convertendo-se, posteriormente, em uma atividade de elevado significado – neste caso, em particular, associado ao vínculo com a USP. Já no depoimento a seguir, o desejo de participar da atividade está associado à vida laboral da respondente na área de turismo, representando uma situação bastante peculiar:

É uma área muito gostosa, é minha área de turismo, eu sou formada em turismo e gosto da área. Agora eu sou aposentada em turismo, então eu falei, tem que ter um jeito de continuar é me divertindo, conhecendo melhor São Paulo, através da minha, do turismo que é o que eu adoro, aí surgiu essa oportunidade e eu não quero perder, vou até o fim em todos os cursos, não perco nenhuma apresentação, que eu acho importante, você conhece muitos lugares, mas você nunca conhece como a gente conhece pelo turismo, porque tem guia, tem informações que você nunca soube, coisas que nunca viu, lugares que você foi e não viu tal coisa, não viu tal detalhe, é maravilhoso o turismo eu adoro a minha área, eu gosto muito (entrevistada 10 – sra. Meire Pereira da Silva Siano, 56 anos).

Também é comum a atuação de amigas(os), colegas e conhecidas(os) na apresentação da oficina às/aos idosas(os), como pode ser observado, por exemplo, nos depoimentos a seguir:

Então, eu comecei a frequentar aqui a caminhada do shopping e conheci a Dalva, a Arlette, né, e com elas que eu fui para a USP, e através delas que eu fiquei conhecendo e comecei a participar (entrevistada 8 – sra. Neusa de Araújo Ribeiro, 72 anos).

Artigo 2Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:
O Caso da Oficina de Turismo Social –
Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

(...) a Ana me levou, (...) ela foi uma vez na minha casa e a minha irmã tava lá e começou a falar que ela tava fazendo esse curso, Viver São Paulo e tudo, e a minha irmã se interessou, ficou conversando bastante com ela e tudo, depois ela falou: porque você não vai fazer? Faz e coisa, num sei o quê, porque já tava de quinta fazendo. Ai eu peguei, eu falei tá bom, então eu falei pra ela, eu falei Ana, quando tiver inscrição você me avisa, aí ela me avisou eu fui fazer e tô até hoje lá (Entrevistada 9 – sra. Catarina do Carmo de Oliveira, 76 anos).

Tal situação revela um aspecto importante da participação na atividade: o caráter coletivo, que pode se manifestar previamente, levando à participação (como nos depoimentos anteriores), ou mediante o ingresso no grupo, por meio da criação de novos laços de amizade.

Mas, sem dúvida alguma, um dos efeitos mais significativos da oficina sobre as(os) participantes é a evocação das memórias, como pode ser verificado nos depoimentos a seguir:

Sim, sim, sim, quando eu fui no não sei o quê militar, quando eu vi cavalaria, que eu andava muito à cavalo quando era criança. Ai as lembranças vieram todas... (entrevistada 3 – sra. Quiioco Fukase Fubunari, 67 anos).

Olha vou te falar uma coisa, sempre acontece uma lembrança boa que a gente tem né, sempre, sempre, para falar a verdade eu gostei de todas, mas a gente sempre lembra de alguma coisa, alguma coisa boa, você lembra do lugar que você foi e gostou. Eu até, eu me lembro da casa do... Maria Luiza. Como é que é o nome dela? (entrevistada 4 – sra. Arlette Domingues Bosquiero, 79 anos).

Chácara Lane, que tinha o pé de jaca, quando você pensou que podia ser, me lembrou muito o meu tempo de infância, porque eu sou do interior, criada com as coisas e quando você vai nesses, que nem aquela casa italiana e outras casas que a gente visitou (...), assim me põe, me remonta tempos antigos, mais antigos, tempos que eu vivi, né? Então, utensílios que usava, que fazia, eu sou do tempo que na minha casa teve colchão de palha e essas casas italianas quando é bem antiga até eles põe, acho que foi num do... não sei se... do Andrade lá, como é que chama? (...) (entrevistada 1 – sra. Cecília Paulon da Costa, 72 anos).



Tal situação revela um aspecto importante da participação na atividade: o caráter coletivo, que pode se manifestar previamente, levando à participação (...) ou mediante o ingresso no grupo, por meio da criação de novos laços de amizade.

Ahhh, isso sim, isso aí, tem muita coisa que quando a gente chega, tem muita coisa que, que a gente volta no passado, um museu, que eu tenho certeza que muita gente não gostou, porque era simples, o Museu do Relógio e aquele relógio, aquele Museu do Relógio me transportou a mil novecentos e alguma coisa, porque eu vivi naquela época e tinha e me identificava muito, com aqueles relógios, aqueles objetos que tinha naquele museu. Ele me transportou realmente ao meu passado. E assim como teve muito passeio que nós fizemos, sempre me deu essa chance de lembrar muita coisa do meu passado, muita, mesmo. Às vezes são coisinhas mínimas, são coisinhas mínimas, se eu falar para alguém é mínima, mas pra mim representa muito, porque eu vivi aquilo, eu tinha aquilo, e tem horas que eu fico olhando e nossa, eu vi isso aí pessoalmente, agora eu tô vendo depois de tantos anos, volta de novo ao meu passado, meu passado no presente, ah é por isso que eu, enquanto eu puder, eu não deixo essa oficina, por isso, porque as recordações são constantemente. (...) Eu fui uma vez numa visita só tinha em cinco pessoas, de 40 ou 50 pessoas, só tinha eu, o Marcelo, a Teresa, não, a Ana, e tinha mais um que eu não me lembro, cinco pessoas, Museu da Lâmpada, eu fiquei olhando, meu Deus do céu, como é bacana a gente ver aquilo que a gente viu, é muita coisa, tinha uns interruptor, uns negócios que nunca mais na vida eu vou ver, nunca mais, mas é preciso que a pessoa veja e saiba valorizar as memórias, tem muita gente que não sabe. Tem muita gente que não quer nem saber, foi, já era. Eu não, cada vez que eu vejo, eu me transporto, eu me transporto mesmo e vou continuar assim enquanto eu puder viver e lembrar do passado eu acho que é uma coisa muito importante para mim (entrevistado 6 – sr. Raimundo Correia da Silva, 76 anos).

Artigo 2

Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:

O Caso da Oficina de Turismo Social –

Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

É curioso notar que nem todas as lembranças são agradáveis – em alguns casos, as visitas evocam memórias sensíveis que, de outra forma, talvez permanecessem ocultas no íntimo das(os) entrevistadas(os), como comentado por um dos participantes:

Em algumas visitas, eu fiquei até um pouco abalado, por exemplo, conhecer o Museu da Resistência, aquilo me veio, me trouxe, me remeteu aos tempos da luta, chamaram de luta armada, eu nunca me armei para lutar, eu fui um combatente da, contra a ditadura e naquela época eu sofri na carne todo o tipo de repressão e de tortura e lá me trouxe de volta uma energia, lembrança ruim, uma energia ruim e outro momento ruim foi conhecer o que restou do Carandiru, que hoje tá lindo, maravilhoso, virou um parque, o Parque da Juventude, mas que ainda tem uma energia muito forte, negativamente falando, mas foram esses momentos sim que me abalaram um pouquinho, um pela energia negativa e o outro pelas más lembranças e a oração que aquilo lá nunca mais voltasse a acontecer (entrevistado 5 – sr. Raí Araújo, 67 anos).

Este relato ilustra de forma muito contundente o potencial que esta atividade, conduzida sob uma perspectiva que vá além da mera contemplação a ícones do turismo convencional, pode ter no sentido de possibilitar um novo olhar do indivíduo sobre a história social, bem como sobre a sua própria história de vida.

Cabe lembrar que, com frequência, as memórias são compartilhadas com as/os demais visitantes (participantes da oficina e/ou visitantes independentes), permitindo, ainda, outros desdobramentos destes contatos com o passado:

É, a gente comenta, às vezes você ouve, né, um falando com o outro, então é muito legal (entrevistada 1 – sra. Cecília Paulon da Costa, 72 anos).

Por fim, cabe destacar que a participação na pesquisa possibilitou, por meio da memória, uma reflexão sobre a própria condição de turista no passado:

(...) E eu também adorei porque tem muito lugar que eu não conhecia porque eu quase não saía daqui, eu moro lá em Ermelindo [Matarazzo, bairro periférico de São Paulo] há 60 anos e eu quase não saía, meu pai trabalhava ali na fábrica, era alugado, a única coisa que fazia nas férias era ir para a praia, que a minha mãe tinha uma afilhada dela que tinha casa lá em Peruíbe, lá para aqueles lados e a gente ia pra lá. Então não era de conhecer lugares, de sair. Eu adorei muito esse curso e tô adorando mais. (entrevistada 9 – sra. Catarina do Carmo de Oliveira, 76 anos).

É interessante notar a visão da depoente sobre suas limitadas possibilidades de práticas turísticas no passado, associada ao prazer decorrente da participação atual na oficina. Apesar das diferenças entre tais práticas relatadas pela entrevistada (no caso das viagens à praia existia um deslocamento efetivo a outro território), verifica-se, aqui, que a respondente estabelece uma conexão entre ambas as experiências, claramente identificadas como turísticas, ainda que no segundo caso (vivências na cidade de São Paulo) não exista o referido deslocamento físico a outra cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado, os dados aqui apresentados relacionam-se a uma pesquisa em fase de finalização; mas, de qualquer forma, destacam-se alguns aspectos que contribuem para uma desejável ressignificação do turismo para além da visão alienante que muitas vezes caracteriza este fenômeno quando desenvolvido unicamente a partir da perspectiva comercial.

Identificou-se um forte sentimento de apropriação da atividade, por parte das(os) idosas(os), e, conseqüentemente, da cidade, revelando o potencial educativo da Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo, e a importância que tal participação adquire na expansão do universo cognitivo, bem como na construção de laços sociais, contribuindo para a redução do isolamento e, conseqüentemente, para o bem-estar psicológico das(os) participantes.

Artigo 2Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:
O Caso da Oficina de Turismo Social –
Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

Pelos relatos obtidos, verificou-se que o turismo vivenciado pelas(os) idosas(os) constitui-se de poderoso instrumento de educação não formal, à medida em que possibilita a chamada educação para e pelo turismo: ao mesmo tempo em que as visitas permitem a ampliação do repertório cultural das(os) idosas(os), também despertam uma reflexão sobre o próprio ato de olhar o mundo (começando pela própria cidade) a partir do estranhamento – condição essencial para a formação do turista cidadão mencionado anteriormente.

Outro resultado digno de nota – talvez o mais importante, segundo as transcrições aqui apresentadas – é a importância das práticas turísticas para a ativação de memórias sobre diferentes fases das vidas das(os) entrevistadas(os), que passam pela infância e pela adolescência, pelas relações familiares, pelo início da vida adulta e da atividade laboral, entre outras. Aproveitar o potencial dos processos desencadeados por essas visitas para revisitar o passado e pensar o presente dessas(es) idosas(os) é, assim, uma das grandes oportunidades a serem aproveitadas pelas(os) responsáveis pela oficina em suas próximas edições.

Deve-se ressaltar, por fim, que as entrevistas já realizadas, bem como outros estudos que possam ser desenvolvidos, podem desvelar, ainda, diversos outros elementos que atravessam as experiências e as subjetividades deste grupo, tornando a atividade analisada um locus particularmente interessante para a análise das relações entre turismo, envelhecimento e ativação de memórias. ↻

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M. V. de; CACHIONI, M. Lazer e turismo como possibilidades educacionais no contexto da extensão universitária: a experiência da UnATI/EACH/USP. In: RUSCHMANN, D. van de M.; SOLHA, K. T. (org.). *Turismo e lazer para a pessoa idosa*. Barueri: Manole, 2012, p. 141-170.
- BENI, M. C. Uma nova era para o turismo. In: CORRÊA, T. G. (org.). *Turismo e lazer: prospecções da fantasia do ir e vir*. São Paulo: Edicon, 1996, p. 73-82.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 484 p.
- DIEKMANN, A.; Jolin, L. Introduction: le tourisme social marqué au sceau de la diversité. In: DIEKMANN, A.; JOLIN L. (org.). *Regards croisés sur le tourisme social dans le monde: l'apport de la recherche*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2013, p. 1-11.
- FÚSTER, L. F. *Introducción a la teoría y técnica del turismo*. Madrid: Alianza Universidad Textos, 1985.
- GASTAL, S.; MOESCH, M. M. *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph, 2007.
- RODRIGUES, J. P.; ALMEIDA, M. V. de. Animação sociocultural e atividades intergeracionais: o turismo social como um facilitador no acesso ao lazer e à cultura. In: MAGALHÃES, A. M.; PEREIRA, J. D. L.; LOPES, M. de S. (org.). *A animação sociocultural e a educação intergeracional no contexto do envelhecimento no meio rural e urbano: atividades, técnicas, métodos e estratégias para uma vida ativa*. Chaves: Intervenção, 2018, p. 159-167.
- SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. *História oral na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, 208 p. (Coleção Práticas Docentes).



A Aplicabilidade do Estatuto do Idoso nos Dias Atuais

[Artigo 3, páginas de 38 a 55]





Elizabete Costa Fagnoni

Pedagoga, especialista em gerontologia na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM/USP) e em direito constitucional, pós-graduada (lato sensu) na Escola Superior de Direito Constitucional (ESDC). Tem experiência como assessora técnica de gabinete/supervisão de cultura da Subprefeitura de Santo Amaro. Por 16 anos participou da comissão Organizadora do Fórum do Idoso de Santo Amaro (Fisa).

beth.proativa@gmail.com



RESUMO

O envelhecimento populacional é um fato inegável, já que em 2020 o Brasil contará com 15,3% da população total composta de idosos e em 2030 terá a quinta maior população idosa do mundo. Isso demandará respostas sociais para que o envelhecimento seja um processo assistido, acompanhado pelas políticas públicas. Este trabalho objetiva identificar o conhecimento dos idosos a respeito dos seus direitos; apresentar, sob a perspectiva dos idosos, a influência da legislação/Estatuto do Idoso (EI) no cotidiano; e descrever as mudanças de paradigmas de conceitos dos idosos sobre o respeito aos seus direitos. Apesar de a maioria já ter ouvido falar no Estatuto do Idoso, na prática seus benefícios não estão sendo sentidos por todos os idosos.

Palavras-chave: estatuto do idoso; direitos; envelhecimento; políticas públicas.

ABSTRACT

The ageing population is an undeniable fact, in 2020 Brazil will have 15.3% of the total population, in 2030 will have the fifth oldest population in the world. This will send social responses so that aging is an assisted process, accompanied by public policies. This work aims to identify the knowledge of the elderly regarding their rights; To know, from the perspective of the elderly, the influence of the legislation/statute of the elderly in their daily life and describe the changes in paradigms of concepts of the elderly to respect their rights. Although most have already heard about the statute of the Elderly (EI), in practice, their benefits are not being felt by all the elderly.

Keywords: *status of the elderly; rights; ageing; public politics.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo resgatar e trazer à luz os desafios do envelhecimento ativo e saudável, gerando uma provocação saudável para levar seus protagonistas (os idosos) a um processo de ampliação e efetivação da *cidadania*. Pretende fomentar um espaço de interlocução, constante reflexão, participação e ações comprometidas e competentes para alterar e promover avanços importantes junto a esse segmento. Busca-se, então, reduzir as desigualdades por meio de serviços, recursos, acessibilidade, respeito, tolerância e convivência: direitos garantidos na Constituição Federal e no Estatuto do Idoso.

1 - EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS DIREITOS DOS IDOSOS

Com o envelhecimento populacional, o número de idosos no Brasil cresceu 18% em 5 anos e ultrapassou 30 milhões em 2017 (IBGE, revisão 2018). Apesar dos grandes avanços da neurociência, da medicina e da tecnologia, a *sociedade* ainda encara os idosos como pessoas retrógradas, incapazes de aprender, inflexíveis, que nada têm a contribuir e que agem e envelhecem, tanto homens e mulheres, igualmente. A sociedade atual conta com baixos índices de natalidade e mortalidade e processos de mudança acelerados em que a inovação tende a ocupar o lugar da tradição. Além disso, há uma valorização das esferas da produção e do consumo, ao mesmo tempo em que o patrimônio familiar é substituído pelo projeto individual. Esses indicativos não oferecem boas perspectivas para as pessoas idosas.

Ao longo das últimas décadas, em nosso país, presenciamos um aumento significativo de grupos e centros de convivência. Torna-se imperioso que os idosos que hoje vivem nas grandes cidades, onde têm opções de lazer, cultura e uma infinidade de informações, desmistifiquem os estereótipos com os quais a sociedade os rotula e sejam os arautos das mudanças sociais que lentamente acontecem, e que, como protagonistas deste momento histórico, assumam o próprio envelhecimento, procurem se reinventar, mudando sua história de vida e sendo cada vez mais ativos e participantes. Frequentando universidades, palestras, grupos comunitários, fóruns, encontros e seminários contribuirão com sua união e força para a desconstrução dos mitos, ao mesmo tempo que irão incentivar políticas públicas e privadas, amparadas na cultura dos direitos humanos, a desenvolver mais programas sociais de inclusão de seu grupo etário, que cada vez é maior em nosso país.

O PONTO DE VISTA ÉTICO E LEGAL

No decorrer do tempo, foi sentida a necessidade de se estabelecer políticas públicas específicas de atendimento a segmentos da população devido às suas necessidades particulares. Uma população que, com certeza, é muito peculiar em suas necessidades e direitos é a idosa. Na história mundial, relatos antigos já expressavam preocupações quanto aos cuidados, ao relacionamento familiar e às questões éticas no processo de envelhecimento. Podem ser citadas as obras *De Senectude (Saber Envelhecer)*, de Cícero (1999), escrita há mais de 2.000 anos; e *Rei Lear*, de Willian Shakespeare, publicada originalmente em 1623 – ambas traduzidas para o português.

No Brasil, a Constituição Federal (CF) de 1988 estabelece os direitos básicos à liberdade de crença e consciência, à saúde, à educação, à moradia, ao trabalho, ao lazer, à segurança, ao transporte, à previdência e à assistência em todas as fases da vida.

Os direitos dos idosos são assegurados através de leis e políticas que atendem os cidadãos em geral e leis específicas de amparo aos idosos. Um dos objetivos da Constituição Federal (CF), por exemplo, é construir uma sociedade livre, justa e solidária, promovendo o bem de todos, sem preconceito de raça, sexo, cor ou *idade*. Em relação aos idosos, garante, independentemente de contribuição à seguridade social, um benefício mensal no valor de um salário-mínimo desde que comprove que o idoso ou sua família não possui meios para prover sua manutenção. Dispõe ainda que é dever da família, da sociedade e do Estado amparar as pessoas idosas, assegurar sua participação na comunidade e defender sua dignidade e bem-estar, garantindo-lhes o direito à vida. Coloca, ainda, que os idosos sejam assistidos preferencialmente em seu próprio lar e garante gratuidade nos transportes coletivos urbanos aos maiores de 65 anos, entre outros (Brasil, 1988).



No Brasil, a Constituição Federal (CF) de 1988 estabelece os direitos básicos à liberdade de crença e consciência, à saúde, à educação, à moradia, ao trabalho, ao lazer, à segurança, ao transporte, à previdência e à assistência em todas as fases da vida.

No Código de Defesa do Consumidor, Lei 8.078, de 11 de setembro de 1990, que dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências, é considerada como circunstância agravante dos crimes apontados no código quando for cometido contra maiores de 60 anos (Brasil, 1990a).

A Lei Orgânica da Assistência Social (Loas), Lei 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da assistência social e dá outras providências, amplia o direito do idoso a um salário-mínimo mensal assegurado pela CF, uma vez que garante seu pagamento mesmo quando o idoso estiver em situação de internação e, ainda, permite que o benefício ocorra de forma eventual para atender necessidades em situações de vulnerabilidade temporária (Brasil, 1993).

A Portaria GM 399, de 22 de fevereiro de 2006, que divulga o Pacto pela Saúde 2006, estabelece seis prioridades, sendo uma delas, a saúde do idoso. As ações do pacto objetivam promover um envelhecimento ativo e saudável, desenvolver ações integradas na atenção à pessoa idosa através de ações intersetoriais, implantar serviços de atendimento domiciliar, acolher prioritariamente o idoso em unidades de saúde, prover recursos para assegurar a qualidade na assistência, apoiar e desenvolver pesquisas na área de envelhecimento.

As discussões sobre o amparo aos idosos ocorrem no Brasil há mais de 40 anos. Em 1976, o Ministério da Previdência e Ação Social realizou, em Brasília (DF), o primeiro Seminário Nacional de Estratégias de Políticas para o Idoso. A partir desse evento, foram organizados movimentos em prol dos idosos, levando ao surgimento de leis e políticas específicas. Em 1994, foi criada a primeira lei voltada a esse segmento, a Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso (PNI), cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Essa lei tem por objetivo “[...] assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade” (Brasil, 1994). Em 1999, para atender às suas necessidades específicas de saúde, foi criada a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Posteriormente, foi revisada e atualizada através da Portaria 2.528, de 19 de outubro de 2006, que aprovou a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI). Possui como alvo a atenção à saúde de todo cidadão e cidadã brasileiro(a) com 60 anos de idade ou mais.

Artigo 3A Aplicabilidade do Estatuto do Idoso
nos Dias Atuais

Coroando a defesa dos direitos dos idosos, no dia 1º de outubro de 2003, no Senado Federal, foi sancionada a redação final do Estatuto do Idoso (EI), que garante que o idoso goze de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, assegurando-lhe por lei ou por outros meios todas as facilidades para a preservação de sua saúde física e mental, seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. Sendo obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 2003; artigos 2º e 3º).

O EI contemplou as leis já existentes, organizou-as por tópicos, discorreu sobre cada um dos direitos e especificou as punições para os infratores, tornando mais prática sua compreensão e aplicação.

2 – O ESTATUTO DO IDOSO (EI)

O EI destina-se a regulamentar os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, garantindo “[...] todas as oportunidades e facilidades para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade” (Brasil, 2003).

O EI compreende cinco grandes tópicos: direitos fundamentais, conforme definidos na CF; medidas de proteção ao idoso em estado de risco pessoal ou social; política de atendimento, por meio da regulação e do controle das entidades que atendem o idoso; acesso à Justiça, com a determinação de que o idoso tem prioridade nos trâmites judiciais e a definição da competência do Ministério Público na defesa do idoso; e crimes em espécie, instituindo-se novos tipos penais para condutas lesivas aos direitos dos idosos (David, 2003).

O estatuto foi recebido com otimismo pelos idosos, com expectativa pelos profissionais e com controvérsias por alguns juristas. Ele aponta uma luz no fim do túnel na tentativa de resgatar o direito à cidadania dos brasileiros com 60 anos ou mais, que suportam uma série de humilhações, como a mísera aposentadoria, a falta de moradia, as dificuldades de locomoção e, principalmente, o precário atendimento à saúde.



A preocupação do documento é garantir a dignidade dos idosos, preceito máximo da CF em relação aos cidadãos brasileiros.

Para Silva (2005), o EI é resultado das mudanças históricas, políticas e sociais que o Brasil vem atravessando e exalta conquistas almeçadas. Contudo, deve-se ter em mente que devemos possuir a capacidade de integrar essa camada da sociedade no sistema social, não só valorizando conquistas de direitos, mas, também, elaborando mecanismos de controle que garantam a sua aplicação.

O EI traz inúmeros benefícios e renova a esperança de, finalmente, o idoso ser respeitado e receber a assistência que merece. Entre os benefícios imediatos do EI está a adequação de concursos e processos de seleção para que empresas prestadoras de serviços públicos tenham em seus quadros pelo menos 20% de trabalhadores com idade igual ou superior a 45 anos. Coloca como obrigação do Poder Público o fornecimento gratuito de medicamentos, especialmente os de uso continuado, assim como próteses e outros recursos relativos a tratamento, habilitação ou reabilitação.

O EI representa uma esperança de concretizar a defesa dos direitos dos idosos. É uma ferramenta de amparo à população da terceira idade e de orientação de conduta para familiares, profissionais e a população em geral. A preocupação do documento é garantir a dignidade dos idosos, preceito máximo da CF em relação aos cidadãos brasileiros.

A aprovação do EI, segundo Ramos (2004), demonstra a preocupação da sociedade brasileira com o seu novo perfil populacional. O Brasil não é mais um país de jovens, mas um país em acelerado processo de envelhecimento. Esse perfil populacional exige do Estado e da sociedade ações efetivas voltadas à garantia dos direitos fundamentais das pessoas idosas. O estatuto apresenta-se como uma ferramenta importante de um processo voltado à construção de um espaço que valorize, acima de tudo, a pessoa idosa.

2.1 AMPARO, ASSISTÊNCIA E PROTEÇÃO AO IDOSO

O amparo, a assistência e a proteção ao indivíduo em seu processo de envelhecimento e quando já velho são assegurados pela CF, que reza no artigo 229 que os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade (Brasil, 1988). Sobre essa questão, o EI esclarece sobre os deveres das famílias, das instituições, do governo e do cidadão comum em relação aos cuidados do idoso. O artigo 37 rege: “O idoso tem o direito à moradia digna, no seio da família natural ou substituta; ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou, ainda, em instituição pública ou privada” (Brasil, 2003).

Para Silvestre e Costa Neto (2003), o cuidado do idoso deve se basear, fundamentalmente, na família com o apoio das Unidades Básicas de Saúde (UBS), sob a estratégia dos Programas de Saúde da Família (PSF). Aos profissionais que trabalham na atenção básica, cabe visualizar e defender como fundamental a presença da pessoa idosa na família, oferecendo assistência resolutiva, integral e humanizada, para que a convivência do idoso na sociedade aconteça de forma alegre, participativa e construtiva, garantindo uma vida com qualidade, felicidade e ativa participação em seu meio. Atualmente, existem diversas alternativas para que o idoso seja atendido quando as famílias precisam de auxílio de outras pessoas e instituições especializadas no seu cuidado. Podem ser citados os centros de convivência, centros de cuidados diurnos, hospitais-dia, casas-lar, instituições asilares e algumas outras formas inovadoras de moradia. Porém, o importante é não perder o vínculo com os familiares.

Para os que prezam por serviços exclusivos e conseguem pagar por eles, existem opções bastante personalizadas, que oferecem infraestrutura totalmente adaptada a pessoas da terceira idade, com atividades lúdico-educativas apropriadas; contam ainda, com assistência médica completa 24 horas por dia. Porém, essas alternativas, que ainda preservam um pouco da independência do indivíduo, infelizmente são exceções e não as formas mais comuns de abrigar os idosos que não permanecem com a família. A mais frequente continua sendo a internação em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (Ilpi), casas-lar, asilos, hospitais especializado e outros, onde o idoso divide o quarto, o banheiro e as outras dependências com outros internos, são cuidados pelos funcionários da instituição e, normalmente, não podem sequer escolher sua própria comida ou a roupa que vão vestir.

2.2 AUTONOMIA DO IDOSO

A palavra autonomia é derivada do grego *autos* (próprio) e *nomos* (regra, governo ou lei), então pode ser entendida com “autogoverno” ou “governo de si mesmo”. Ao contrário do que algumas vezes se pensa, autonomia é diferente de independência. John Stuart Mill (1859, p.26) estabeleceu um princípio claro para autonomia quando afirmou que “[...] sobre si mesmo, sobre seu próprio corpo e sua mente, o indivíduo é soberano”. Goldim (2002, p. 85-90) refere que “[...] uma pessoa autônoma é um indivíduo capaz de deliberar sobre seus objetivos pessoais e de agir na direção dessa deliberação”, e continua:

Respeitar a autonomia é valorizar a consideração sobre as opiniões e escolhas, evitando, da mesma forma, a obstrução de suas ações, a menos que elas sejam claramente prejudiciais para outras pessoas. Demonstrar falta de respeito para com um agente autônomo é desconsiderar seus julgamentos, negar ao indivíduo a liberdade de agir com base em seus julgamentos, ou omitir informações necessárias para que possa ser feito um julgamento, quando não há razões convincentes para fazer isso (p. 85).

Percebe-se, então, que “autonomia” está diretamente ligada a opiniões e escolhas, tem a ver com o livre arbítrio e a capacidade de tomar decisões por si mesmo. Enquanto “independência” refere-se à capacidade de o indivíduo realizar tarefas com ou sem auxílio, ou de não poder realizá-las. Por exemplo, um idoso com sequela de Acidente Vascular Cerebral (AVC), com hemiplegia, sem alteração cognitiva, poderá apresentar dependência para algumas atividades como higiene, alimentação, porém pode estar com sua autonomia preservada, quando pode decidir sobre si mesmo. É importante não confundir autonomia com autocuidado.

O EI em seu 2º artigo rege que o idoso goza de “condições de liberdade”. Pode-se ver aqui sendo assegurado por lei o direito à autonomia do idoso. Como a autonomia está diretamente ligada ao direito e à capacidade de tomar decisões sobre si mesmo, ela não pode ser exercida em sua plenitude se não houver uma orientação adequada do indivíduo quanto a sua situação atual, suas possibilidades e prognóstico futuro. A manifestação da autonomia tem como condição o esclarecimento da pessoa, que não pode exercê-la se não conhecer todas as faces do que lhe está sendo proposto. A tomada de decisão

autônoma somente ocorre verdadeiramente quando o indivíduo recebeu todas as informações pertinentes, entendeu as informações, sanou as dúvidas, e, com liberdade, livre de qualquer pressão, decide o que vai ser feito sobre si mesmo.

Conhecer os direitos dos idosos e o EI é o início do respeito à autonomia do idoso, pois conhecendo seus direitos ele poderá optar entre lutar por eles ou manter-se indiferente. Para alcançar o principal objetivo do EI – que é a promoção do amparo, da assistência e da proteção ao indivíduo em seu processo de envelhecimento e quando já velho – é necessário que os idosos, as famílias, a equipe que presta assistência aos idosos e a sociedade em geral conheçam e respeitem os direitos da população idosa.

Os direitos fundamentais do idoso, tanto nos âmbitos social, de saúde, físico, financeiro e mental são assegurados pela legislação, no entanto, surge a indagação se os idosos conhecem seus direitos, se consideram que seus direitos são respeitados e, se não, quais medidas são necessárias para que respeitem seus direitos. Para responder a essas indagações é necessário que os principais interessados no assunto, os próprios idosos, sejam ouvidos.

2.3 DIREITOS DOS IDOSOS

O direito busca estabelecer as regras de uma sociedade delimitada pelas fronteiras do Estado. A primeira fonte do direito é a lei. Tem uma base territorial e vale apenas para aquela área geográfica onde uma determinada população vive (Goldim, 2003). No Brasil, considerando a diversidade das leis, o idoso está com seus direitos assegurados. As leis existem, estão em vigor e precisam ser cumpridas. Mas é necessário que os idosos conheçam seus direitos para que possam participar ativamente na defesa de sua própria causa.

2.3.1 DIREITOS RELATIVOS AO TRANSPORTE

A gratuidade no transporte coletivo urbano é assegurada, aos maiores de 65 anos, pela CF e pelo EI. Contudo, o EI deixa a critério da legislação local dispor sobre as condições da gratuidade para pessoas na faixa etária entre 60 e 65 anos (Brasil, 1988; Brasil, 2003). É o caso do município de São Paulo que, através da Lei 11.655, de 18 de outubro de 1994, dispõe sobre a isenção de pagamento de passagem no transporte coletivo urbano às mulheres com mais de 60 anos de idade.

2.3.2 PRIORIDADE NO ATENDIMENTO

No EI, o artigo 3º coloca que ao idoso é assegurada, com *absoluta prioridade*, a efetivação dos direitos elementares inerentes ao ser humano. Para discutir esse direito, primeiro é necessário entender o que compreende “prioridade”. O EI esclarece que a garantia de prioridade do idoso abrange:

- Preferência na formulação e na execução de políticas sociais públicas específicas;
- Privilégio na destinação de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção ao idoso;
- Capacitação e reciclagem dos recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia e na prestação de serviços aos idosos;
- Garantia de acesso à rede de serviços de saúde e de assistência social locais:
- Atendimento preferencial, imediato e individualizado junto aos órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população;
- Primazia no atendimento ao idoso por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não a possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência; e
- Viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações.

A prioridade assegurada aos idosos não é apenas nas filas. O direito é amplo, garantindo preferência na formulação de políticas, na alocação dos recursos financeiros para sua implantação, na capacitação dos recursos humanos que atenderão ao idoso e na garantia de acesso aos programas, até chegar ao atendimento, propriamente dito, que deve ser individualizado, imediato e sempre preferencial.

Quanto ao acesso à justiça, o EI assegura prioridade na tramitação dos processos. Tal prioridade será requerida à autoridade judiciária competente, mediante prova de sua idade. Cabe ressaltar que, caso o idoso faleça, o direito à prioridade não cessará, estendendo-se em favor do cônjuge, companheiro ou companheira, com união estável, que tenha idade igual ou superior a 60 anos. A prioridade também se estende aos processos movidos dentro de empresas, cuja administração seja pública, instituições financeiras, Defensoria Pública da União, dos estados e do Distrito Federal em relação aos serviços de assistência judiciária (Brasil, 2003).

Na área da habitação, o idoso goza de prioridade na aquisição de imóvel para moradia própria nos programas habitacionais, públicos ou subsidiados com recursos públicos. Na atenção à saúde, também é garantido, pelo EI, o atendimento com absoluta prioridade (Brasil, 2003)

Quanto à atenção à saúde, além da dificuldade de acesso, a fila para agendar é grande e o tempo de espera para o atendimento pode chegar a meses. Para assegurar a prioridade ao idoso, é necessário cumprir o que o EI coloca: que o idoso tem direito ao atendimento preferencial, imediato e individualizado junto aos órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população (Brasil, 2003).

2.3.3 DIREITO À SAÚDE

A definição de *saúde* dada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) é de ser um estado completo de bem-estar físico, mental, social e não somente a ausência de doenças. Essa definição é semelhante à definição de felicidade, sendo mais apropriada ao indivíduo isolado, mas é incompleta quando se analisa a sociedade como um todo.

A qualidade de vida é, por sua vez, de difícil definição, principalmente na esfera individual, pois depende de fatores variáveis como cível, cultural, social etc. Sob o ângulo coletivo, a qualidade de vida compreende os níveis social, econômico e cultural.

A CF coloca a saúde como direito de todos os cidadãos e dever do Estado. Para atender a esse direito, determina que as ações e os serviços públicos de saúde ofereçam atendimento integral e priorizem ações preventivas, sem prejuízo para as curativas e de tratamento, e que a assistência seja prestada através de um sistema único, hierarquizado, regionalizado e descentralizado (Brasil, 1998).

O EI coloca que no atendimento à saúde o idoso goza de absoluta prioridade e garante que serão disponibilizadas todas as possibilidades para a preservação de sua saúde física e mental (Brasil, 2003). Para assistir aos usuários dos serviços de saúde, e de forma especial aos idosos que buscam atendimento, o profissional precisa agir com intenção de fazer o bem ao assistido, buscar nunca causar o mal, dispensar a todos um tratamento adequado dentro das possibilidades de cada serviço e respeitar a vontade do paciente. Respeitar a vontade implica em respeitar a autonomia, que tem um conceito mais amplo e envolve aspectos importantes da assistência, como o esclarecimento e a liberdade que o usuário tem para decidir sobre seu tratamento.

2.3.4 DIREITOS FUNDAMENTAIS

O EI coloca que são garantidos aos cidadãos idosos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, que são: a vida, a saúde, a alimentação, a educação, a cultura, o esporte, o lazer, o trabalho, a cidadania, a liberdade, a dignidade, o respeito e a convivência familiar e comunitária. Esses direitos também são contemplados pela CF (Brasil, 1988; Brasil, 2003).

Quanto ao direito ao respeito, o próprio EI dá a sua definição, referindo que “[...] consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, ideias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais” (Brasil, 2003, Art. 10, § 2º).

A inviolabilidade (do latim *violabilis*, aquilo que pode ser ferido) da integridade física, psíquica e moral compreende não ferir, não danificar, não exercer violência contra o corpo, a mente e a moral do idoso. Corresponde à preservação da imagem e à não divulgação de figuras de idosos em situações vexatórias, especialmente devido a sua idade, sendo apresentados como esclerosados, impotentes sexuais e limitados fisicamente, dentre outros. O respeito refere-se também ao espaço e aos objetos pessoais do idoso (Siqueira, 2004).

O EI esclarece que o direito à liberdade compreende a faculdade de ir e vir, poder emitir sua opinião, expressar suas crenças, praticar esportes e divertir-se, participar na vida familiar, comunitária e política, e, ainda, de poder buscar refúgio, auxílio e orientação quando necessitar (Brasil, 2003, art. 10, § 1º, incisos I-VII).

2.3.5 DIREITO AO LAZER

O lazer contribui para a socialização do idoso, diminuindo o isolamento social e contribui também para a saúde, para a manutenção da independência e, acima de tudo, para sua autoestima.

Para assegurar o acesso a atividades de lazer e cultura, alguns estados concederam aos idosos a chamada meia-entrada. É o caso do estado de São Paulo que, em 1997, criou uma Lei Estadual (9.500/97) que atualmente está integrada à Lei 12.548, de 27 de fevereiro de 2007, que consolida a legislação relativa ao idoso. Através do art. 43, concede a todas as pessoas que comprovarem idade acima de 65 anos desconto de, no mínimo, 50% sobre o preço normal de ingressos em cinemas, teatros, museus, circos, parques e demais centros de lazer e diversões públicas (São Paulo, Estado, 2007b).

Artigo 3

A Aplicabilidade do Estatuto do Idoso
nos Dias Atuais

2.3.6 DIREITO À PROTEÇÃO CONTRA MAUS-TRATOS

Segundo a World Health Organization (2002), ações de maus-tratos contra idosos podem incluir abuso físico, sexual, negligência (exclusão social e abandono), violação (de direitos humanos, jurídicos e médicos) e privação (escolhas, decisões, financeiro e respeito). O abuso aos idosos é uma violação dos direitos humanos e causa de prejuízos importantes, como doenças, perda de produtividade, isolamento e desespero. Normalmente, é subnotificado em todas as culturas.

O EI dedica dois capítulos para orientar medidas de proteção ao idoso, que incluem: encaminhamento à família ou ao curador mediante termo de responsabilidade; orientação, apoio e acompanhamento temporários; requisição para tratamento de sua saúde, em regime ambulatorial, hospitalar ou domiciliar; inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio; orientação e tratamento a usuários dependentes de drogas lícitas ou ilícitas, ao próprio idoso ou à pessoa de sua convivência que lhe cause perturbação; abrigo em entidade; e abrigo temporário (Brasil, 2003, art. 45).

2.3.7 DIREITO À APOSENTADORIA

Quanto à aposentadoria, apesar de ser assegurada pela CF, nem todos conseguem o benefício, porém, possuir renda própria constitui um dos principais instrumentos sociais de proteção aos idosos. É através dela que o idoso suprirá suas necessidades diárias, manterá sua independência e garantirá o acesso a outros direitos como a alimentação.

O EI rege que se “[...] o idoso ou seus familiares não possuírem condições econômicas de prover o seu sustento, impõe-se ao Poder Público esse provimento, no âmbito da assistência social” (Brasil, 2003, art. 14). A melhor forma de prover o sustento do idoso é garantindo que ele não dependa de outra pessoa para uma atividade tão elementar como a alimentação, isto é, que ele tenha renda suficiente para viver dignamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso país tem tido um crescimento acelerado da população idosa, e, em 2039, o Brasil passará a ter mais idosos do que crianças (IBGE). Precisamos unir esforços juntamente com outros profissionais voltados à causa do idoso para melhorar a condição de vida desse segmento, para que o idoso brasileiro não seja visto como mais um “problema social”, mas sim como sujeito que tem capacidade produtiva, a fim de que, através da solidariedade entre gerações, tenha garantia de acesso aos seus direitos sociais e poder de decisão sobre as questões que lhe dizem respeito.

A influência da legislação, em especial do EI, pode ser percebida pelas melhorias ocorridas na atenção aos idosos, pela ampliação dos seus direitos e pela maior conscientização da sociedade em relação ao processo de envelhecimento. Portanto, é preciso que os profissionais da área percebam os programas de terceira idade como potencializadores da construção da cidadania do idoso, que também irão contribuir para a consolidação de uma representação mais positiva da velhice em nossa sociedade.

Os novos modos de envelhecer buscam romper com o signo da velhice passiva aderindo à proposta de viver a terceira idade como um tempo de liberdade e de realizações, propiciando novos olhares a respeito das reais possibilidades desse segmento que envelhece de forma ativa. ☺

Artigo 3

A Aplicabilidade do Estatuto do Idoso
nos Dias Atuais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988.
- BRASIL. Lei n. 8.078, de 11 de setembro de 1990. Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências. In: *Diário Oficial da União*, Brasília, 12 set. 1990a. p. 1 (suplemento).
- BRASIL. Lei n. 8.742, de 07 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a organização da assistência social e dá outras providências. In: *Diário Oficial da União*, Brasília, 8 dez. 1993, p. 18.769.
- BRASIL. Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. In: *Diário Oficial da União*, Brasília, 5 jan. 1994, p. 77.
- BRASIL. Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. In: *Diário Oficial da União*, Brasília, 03 out. 2003, seção 1, p. 1.
- BRASIL. Decreto 5.934, de 18 de outubro de 2006c. Estabelece mecanismos e critérios a serem adotados na aplicação do disposto no art. 40 da Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso), e dá outras providências. In: *Diário Oficial da União*, Brasília, 19 out. 2006, seção 1, p. 1.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM 399/06, de 22 de fevereiro de 2006. Divulga o Pacto pela Saúde 2006a – Consolidação do SUS e aprova as Diretrizes Operacionais do Referido Pacto. In: *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 fev. 2006, seção 1, p. 43.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 2.528 de 19 de outubro de 2006. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. In: *Diário Oficial da União*, Brasília, 20 out. 2006, seção 1, p. 142.
- CICERO, M. T. *Saber envelhecer e A amizade*. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM: 1999.
- DAVID, E. M. G. F. *Estatuto do Idoso: pontos fundamentais*. Brasília: Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados, 2003.
- ESTATUTO DO IDOSO. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Brasília, 1º de outubro de 2003; 182ª da Independência e 115ª da República.
- GOLDIM, Jr. Bioética e envelhecimento. In: FREITAS E. V.; Py, L., NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X; GORZONI, M. L. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 85-90.
- GOLDIM Jr. *Ética, moral e direito*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/eticmor.htm>>. Acesso em: 22 out. 2007.
- INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *PNDA – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980>. Acesso em: 1º out. 2018.
- MILL, J. S. *On liberty*. London: John W. Parker and Son. West Strand, 1859.
- RAMOS P. R. B. *O Estatuto do Idoso: primeiras notas para um debate*. São Paulo: 2004. Disponível em: <<http://direitoidoso.braslink.com/01/artigo021.html>>. Acesso em: 11 nov. 2008.

- SÃO PAULO. Lei n. 11.655, de 18 de outubro de 1994. Dispõe sobre a isenção de pagamento de passagem no transporte coletivo urbano às mulheres com mais de 60 (sessenta) anos de idade. São Paulo: 1994. Disponível em: <<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-11655-de-18-de-outubro-de-1994>>. Acesso em: 8 nov. 2008.
- SÃO PAULO. Lei n. 12.548, de 27 de fevereiro de 2007b. Consolida a Legislação Relativa ao Idoso. In: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 fev. 2007, seção 1, p. 1.
- SHAKESPEARE, W. *O rei Lear*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- Silva A. R. Novas regras: estatuto do idoso já nasceu com grande confusão jurídica. In: *Consultor Jurídico*, 2003a. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/static/text/2888,1>. Acesso em: 23 nov. 2008.
- SILVA R. P. Estatuto do Idoso: em direção a uma sociedade para todas as idades? *Jus. Com.* Br. Teresina, 2005. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7723>. Acesso em: 17 nov. 2008.
- SILVESTRE J. A.; COSTA NETO, M. M. Abordagem do idoso em programas de saúde da família. In: *Cad. Saúde Pública*, 2003; 19(3):839-847.
- SIQUEIRA, Lea. *Estatuto do Idoso de A a Z*. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.
- WORLD Health Organization (WHO). *Active ageing: a policy framework*. Madri: Second United Nations World Assembly on Ageing, 2002. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2008.



Projeto Papo com Homens no Sesc Pará: Um Relato de Experiência

[Artigo 6, páginas de 56 a 67]



Claudia Irene Ferreira da Silva

Formada em serviço social pela Universidade Federal do Pará (Ufpa), é especialista em desenvolvimento de áreas amazônicas pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea) da Ufpa; em gestão do trabalho e educação na saúde pela Universidade do Estado do Pará (Uepa); em educação na saúde para preceptores do SUS pelo Sírio Libanês; em gestão de redes de atenção à saúde pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP/Fiocruz. Atua como assistente social do TSI do Sesc Pará.

claudia.irene1222@gmail.com

RESUMO

O envelhecimento humano – que cresce em várias partes do mundo e no Brasil, que deixou de ser um país jovem – traz à tona múltiplos desafios. Neste estudo, destacamos a questão de gênero, uma vez que a população masculina de idosos é demograficamente menor do que a feminina devido a diversos fatores. Essa configuração também vem se reproduzindo no Trabalho com Grupo de Idosos no Sesc, em Belém, em que o público masculino em 2018 representava menos de 10% dos inscritos, levando a equipe à constatação de que o homem idoso era o que menos se beneficiava nesse grupo social. Movidos pelo interesse em encontrar um formato de práticas que estimulasse qualitativamente essa participação, considerando estudos que confirmam os diversos benefícios da presença em grupos para a qualidade de vida de pessoas acima de 60 anos, foi criado na atividade Trabalho Social com Idosos o projeto Papo com Homens. A imersão nessa experiência tem revelado aspectos interessantes, como a importância da aplicação de metodologias ativas e a necessidade de reinvenção de práticas que contemplem formatos que favoreçam a escuta ativa e suas narrativas, fortalecendo o protagonismo dos homens idosos e ajudando-os a superar estigmas e preconceitos, dada a complexa heterogeneidade de questões que perpassa o processo de envelhecer na sociedade atual, que atinge tanto mulheres como homens.

Palavras-chave: envelhecimento masculino; gênero; metodologias ativas.

ABSTRACT

Human aging brings up many challenges and it is growing in many parts of the world, including Brazil, which is no longer a young country, but for the purpose of this study, we highlight the gender issue, since the male elderly population is demographically lower than the feminine one for several factors, and this configuration has also been reproduced in the Trabalho com Grupo de Idosos no Sesc (Work with the Elderly Group in Sesc), in Belém, the capital of the state of Pará, Brazil, where the male participants in 2018 represented less than 10% of the enrolled members, a fact that made the work team realize that the elderly men were the ones who benefited the least from the services of the social group. Thus, motivated by the interest of finding a practice format that would qualitatively stimulate this participation, considering studies that confirm the various benefits of participation in groups for the quality of life of people over 60 years of age, the Papo com Homens in Social Work with the Elderly project was created. And the immersion in this experience has revealed interesting aspects, such as the importance of the application of active methodologies, the need for reinvention of practices that contemplate formats that promote active and narrative listening, strengthening their protagonism and helping them to overcome stigmas and prejudices, given the complex heterogeneity of issues that permeate the aging process in today's society, which affects both women and men.

Keywords: male aging; gender; active methodologies.

INTRODUÇÃO

Tido como um fenômeno mundial, o envelhecimento humano é apontado como uma das grandes conquistas dos últimos tempos, no entanto, carrega em si enormes desafios à sociedade e a todos que se preocupam com essa questão.

O relato de experiência a seguir considera o entendimento que o envelhecer é marcado por processos extremamente heterogêneos, diversos (Daniel et al., 2012). Propõe-se a refletir sobre o envelhecimento do gênero masculino a partir da vivência no projeto Papo com Homens, realizado na atividade Trabalho com Grupo de Idosos, no Serviço Social do Comércio – Sesc, em Belém, Pará, considerando que em 2018 esse segmento representava menos de 10% dos inscritos, levando a equipe à constatação de que o homem idoso era o que menos se beneficiava qualitativamente do desenvolvimento das programações.

Essas questões levaram a problematizações, tais como: o que levaria os homens a se interessarem menos do que as mulheres nos trabalhos de convivência? Que fatores contribuem para essa baixa procura por trabalhos com grupos? Como torná-los mais interativos nesses programas e fazer com que se beneficiem dessas ações?

Essa compreensão é importante, pois estudos como os de Araújo et al. (2005) argumentam que os grupos de convivência são espaços propícios para o fortalecimento da cidadania, uma vez que possibilitam aos participantes reflexões sobre seu entorno sociocultural, promovendo mecanismos individuais e coletivos estratégicos para lidar com a velhice. Contribuindo com esse entendimento, Nogueira e Alcântara (2014) destacam que estão dentre as modalidades de ações que dão ênfase e visibilidade à promoção do envelhecimento ativo, nas últimas décadas, as universidades abertas à terceira idade, os grupos de convivência, as associações de aposentados e o trabalho social com idosos. Ainda, Nogueira e Alcântara (2014), citando Debert (1999), ressaltam que a participação feminina nesses espaços se destaca em relação ao público masculino, que prefere as associações de aposentados. Nessa linha de compreensão, as autoras tecem a seguinte reflexão: “Os homens foram educados para a esfera do trabalho, considerando atividades culturais e socioeducativas como atividades voltadas para as mulheres” (274:2014). Dessa forma, compreende-se que a reflexão sobre o comportamento masculino com relação à pouca adesão aos programas para o envelhecimento e/ou até mesmo a baixa participação em grupos não deverá estar descolada da forma como acontece a construção social desses sujeitos trabalhadores na sociedade brasileira.

Artigo 4Projeto Papo com Homens no Sesc Pará:
Um Relato de Experiência

Este relato de experiência sinaliza para a possibilidade de os homens participarem, sim, de trabalhos em grupo. Isso pode ocorrer a partir da reorientação da programação e da revisão e atualização de práticas educativas, utilizando metodologias inovadoras como ferramentas que favoreçam trocas, interações, valorizações, escuta ativa e reposicionamentos no grupo, possibilitando a geração de novos saberes sobre como fortalecer o protagonismo masculino.

DESENVOLVIMENTO

Trata-se de um relato de experiência do projeto Papo com Homens, que faz parte da atividade Trabalho Social com Idosos (TSI), vinculado ao Programa Assistência, com o grupo denominado Bem Viver. As ações dessa atividade acontecem todos os dias da semana, com uma ampla oferta de serviços socioeducativos, para 200 inscritos, operadas por uma equipe multiprofissional, formada por dois assistentes sociais, dois profissionais de educação física e quatro estagiários das áreas correspondentes, no Sesc Doca, em Belém.

Contudo, faremos um recorte para tratar especificamente do projeto Papo com Homens, realizado às terças-feiras, das 9h às 10h, reunindo somente o público masculino, com 17 participantes, representando menos de 10% dos matriculados no grupo.

A mediação do projeto é feita por facilitadores, assistente social e estagiário que desempenham o papel de instigar a reflexão, a construção e a troca de conhecimentos, orientados por um tema específico, com utilização de metodologias ativas e aplicação de tarjetas, vídeos comentados, leituras reflexivas, montagem de cartazes, recortes e colagens, leituras coletivas e outros. Esse relato tem como base observações, registros de narrativas, relatórios de programações e diários de campo no decorrer do exercício de 2018.

PERCORRENDO O CENÁRIO DAS PRÁTICAS

O Sesc é pioneiro no Brasil no trato com a questão do envelhecimento humano, visto que, em 1963, criou no Sesc São Paulo o primeiro trabalho social voltado para o seguimento, sendo uma das primeiras instituições a reconhecer uma nova configuração populacional que demandaria trabalhos específicos.

O TSI é realizado em todo o território brasileiro, com reconhecimento nacional e internacional, e busca permanentemente atualizar suas propostas de diretrizes e orientações de caráter nacional por compreender que está frente a grandes desafios, como o de atender



A opção pelas metodologias ativas nos processos educativos tem como foco estimular a reflexão, relacionando as vivências concretas da vida cotidiana, levando-os a refletir sobre as questões práticas, fomentando intercâmbios e formulando novos saberes (Brasil, 2017).

às pessoas com mais de 60 anos com práticas inovadoras, nas quais o público idoso seja escutado, tenha lugar de fala no planejamento das ações e torne-se parceiro na reinvenção do TSI, enfatizando o protagonismo, o envelhecimento ativo, a intergeracionalidade e a gerontologia.

O Sesc Pará desenvolve o Trabalho com Grupos de Idosos desde 1976, com atuação nas unidades Doca e Castanhal. Em 2018, participavam do TSI Sesc Doca homens de 66 a 91 anos de idade, distribuídos da seguinte forma nas faixas etárias: 12% entre 60 e 69 anos; 46% entre 70 e 79 anos; 22% entre 70 e 79 anos; e 20% entre 90 e 100 anos. Dentro deste recorte, 40% possuíam o Ensino Fundamental; 25% o Ensino Médio; 20% o superior; e um integrante era semialfabetizado. Com relação à renda, 44% estavam na faixa de 1 a 2 salários-mínimos; 22% de 2 a 3 salários-mínimos; 17% de 3 a 4 salários-mínimos; e 17% acima de quatro salários-mínimos. Na questão familiar, 75% eram casados e 15% viúvos, contando apenas com um separado. Todos tinham boa mobilidade e sistema cognitivo preservado.

METODOLOGIA

A opção pelas metodologias ativas nos processos educativos tem como foco estimular a reflexão, relacionando as vivências concretas da vida cotidiana, levando-os a refletir sobre as questões práticas, fomentando intercâmbios e formulando novos saberes. Contrapondo, dessa forma, a metodologia tradicional de ensino e aprendizagem, que está pautada numa abordagem expositiva, vertical e instrucional, que não favorece a troca de conhecimentos (Brasil, 2017).

No contexto das novas tendências pedagógicas, a Metodologia Ativa é uma das possíveis estratégias, para qual o aluno é o protagonista central, ou seja, corresponsável pela sua trajetória educacional e o pro-

Artigo 4Projeto Papo com Homens no Sesc Pará:
Um Relato de Experiência

fessor apresenta-se como coadjuvante, um facilitador das experiências relacionada das ao processo de aprendizagem. (Prado et al., 2012, p. 173)

Ao longo do período, foram tratadas temáticas como saúde do homem, novembro azul, câncer de próstata, diabetes, hipertensão, aposentadoria, diferenças entre o envelhecimento masculino e feminino, reflexões sobre as construções dos papéis sociais de homens e mulheres na sociedade, sexualidade, projetos de vida e impactos da viuvez. Outros temas também se destacaram como: preconceitos, amizades, esporte, música, qualidade de vida, depressão, ansiedade, solidariedade, companheirismo e amizades, projetos de vida, direitos da pessoa idosa, participação social, protagonismo e memórias da infância, juventude e fase adulta.

O clima nas reuniões é um aspecto importante para despertar interesses dos participantes, daí a utilização de ferramentas educativas inovadoras com a realização de rodas de conversa, simulações de situações práticas, vídeos comentados, leituras dinâmicas de publicações temáticas, recortes e colagens, jogo da verdade, letras de músicas e leituras de poesias e contos. A avaliação acontecia concomitantemente ao processo.

DISCUSSÕES

Os achados relacionados aos fatores que levariam os homens a participarem menos ativamente no TSI advêm da observação ativa e escuta dos relatos dos participantes.

Quando convidados a refletir sobre os benefícios e os impactos do TSI em suas vidas, manifestaram que reconhecem os grandes benefícios que o trabalho em grupo promove, principalmente relacionados à saúde física e mental. Relatam que o Sesc é um *remédio*, é o melhor lugar que existe. Porém, contraditoriamente, quando questionados por se posicionarem pouco nas reuniões do TSI como um todo, referem que o ambiente favorece mais à participação feminina.



Os achados relacionados aos fatores que levariam os homens a participarem menos ativamente no TSI advêm da observação ativa e escuta dos relatos dos participantes.

Essa percepção dos homens tem pertinência quando analisamos as reuniões de grupo com dois gêneros. Por exemplo, há grupos formados por 30 mulheres e 4 homens para tratar sobre uma temática ampla, e a tendência é de geralmente se destacar a participação feminina. Nessa linha de entendimento, estudos como de Andrade et al. (2014) confirmam que mulheres apresentam uma maior motivação do que homens em interagir e buscar contatos com novas pessoas, aumentando seus círculos de amizades. Ao contrário, homens costumam ser bem mais retraídos.

Por outro lado, com a implantação do projeto Papo com Homens, foi observado que homens aparentemente retraídos tornaram-se mais interativos, não somente nas ações do projeto, mas também nas atividades gerais do TSI. Passaram a demonstrar interesse por temas relacionados à saúde, que normalmente atraíam mais as mulheres.

Na ocasião em que foram realizadas orientações referentes ao autocuidado e a atitudes preventivas em saúde, o medo de ir ao médico ficou evidenciado durante as narrativas do grupo sob a justificativa de que esse profissional “arrumaria” doenças que conseqüentemente poderiam levar à morte. Obviamente, essa não é uma posição unânime do grupo, pois há idosos que já incorporaram a cultura do autocuidado. Porém, chamou nossa atenção o depoimento de um dos integrantes, na ocasião com 69 anos de idade, que afirmou não lembrar, em toda a sua vida adulta, de ter ido ao médico.

O pouco cuidado do homem com a própria saúde é um aspecto a destacar, pois estudos apontam que é somente com idade avançada que o homem busca ajuda médica e, lamentavelmente, se depara com quadros de adoecimentos irreversíveis (Brasil, 2008). É recente o reconhecimento do próprio Ministério da Saúde sobre a necessidade de se criar uma atenção especializada para a saúde do homem, pois isso traz como consequência o agravamento da morbidade e a elevação de custos para SUS. Inclusive:

Vários estudos comparativos, entre homens e mulheres, têm comprovado o fato de que os homens são mais vulneráveis às doenças, sobretudo às enfermidades graves e crônicas, e que morrem mais precocemente que as mulheres (Nardietall, 2007; Courtenay, 2007; IDB, 2006 Laurenti et al., 2005; Luck et al., 2000). A despeito da maior vulnerabilidade e das altas taxas de morbimortalidade, os homens não buscam, como as mulheres, os serviços de atenção básica (Figueiredo, 2005; Pinheiro et al., 2002). In: *Política Nacional de Atenção à Saúde do Homem*, 2009:13.

Assim sendo, a questão não é que os homens não têm interesse e dúvidas sobre a saúde, porém se sentem mais retraídos em se colocar em um grupo aberto e expor questionamentos, sentimentos, fragilidades, medos e vulnerabilidades. Aí destacamos a questão da cultura e dos estereótipos de gênero, já que muitos desses participantes cresceram e constituíram família num contexto de sobreposição do poder masculino, como colocado por Nogueira e Alcântara (2014).

O modelo hegemônico de masculinidade é centrado no controle da afetividade, em trabalhar, exercer exacerbadamente a sexualidade, não controlar riscos, e situar-se em uma cultura distante do autocuidado. Dessa forma, esses hábitos levam o homem ao longo de sua trajetória a um estilo de vida prejudicial à saúde, que deságua em uma qualidade de vida precária na velhice e em uma expectativa de vida inferior à das mulheres (Nogueira & Alcântara, 2014:266).

Assim, o espaço do Papo com Homens tem sido estratégico para o desenvolvimento de assuntos diversos ligados à vida desses participantes com importante foco na saúde, sustentada no que preconiza a Constituição Federal:

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (C. F., 1988, art. 196).

É importante realçar que além dos fatores determinantes e condicionantes que interferem diretamente na saúde, a Constituição Federal de 1988, no título I – das disposições gerais, destaca no seu § 2º que o “(...) dever do Estado não exclui o das pessoas, da família, das empresas e da sociedade”. Neste sentido, buscamos estimular junto ao grupo de homens a importância do desenvolvimento da capacidade de cuidar da própria saúde visando sua autonomia.

Por outro lado, é reconhecido que o comportamento dos homens referente ao pouco cuidado com a saúde tem várias influências, inclusive do próprio sistema produtivo que não valoriza que homens interrompam suas atividades laborais para cuidar da saúde, aliada a essa questão do próprio SUS, que não favorece a acessibilidade de homens às Unidades Básicas de Saúde (UBS), considerando que esses serviços funcionam normalmente no período diurno, conforme estudos de



Sempre reforçamos que os participantes do grupo são também multiplicadores do que aprendem na sociedade, principalmente junto aos seus pares de gênero, como filhos, genros, vizinhos e amigos, e o quanto isso é fundamental para o compartilhamento de saberes nas comunidades em que estão inseridos.

Queiroz et al. (2018). Complementando esse entendimento, somente em agosto de 2009 o Ministério da Saúde instituiu a Portaria GM/MS nº 1.944, que versa sobre a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH).

Ao alternar as temáticas, ora atendendo sugestões do grupo, ora inserindo propostas da área técnica, os participantes do grupo Papo com Homens mostraram-se surpresos quando foi proposto o diálogo sobre feminicídio, contudo, aos poucos, foram bastante participativos e nas narrativas mostraram-se interessados em dialogar e conhecer mais sobre os fatores que geram esse tipo de violência: como iniciam e se desdobram as agressões que levam à morte da mulher, a relação com a cultura machista, as medidas protetivas disponíveis às mulheres e as implicações jurídicas.

Sempre reforçamos que os participantes do grupo são também multiplicadores do que aprendem na sociedade, principalmente junto aos seus pares de gênero, como filhos, genros, vizinhos e amigos, e o quanto isso é fundamental para o compartilhamento de saberes nas comunidades em que estão inseridos.

O acompanhamento deste trabalho é também feito pela frequência dos participantes, destacando que todos os homens inscritos no TSI vêm participando desses momentos do projeto e, em suas explicações, enaltecem a vivência e as novas descobertas no grupo. O interesse pelo espaço foi crescente, pois, quando o encontro era inviabilizado em decorrência da incompatibilidade de calendário da unidade do Sesc ou por outro motivo, demonstravam ansiedade, comunicavam-se entre si, questionavam quando a reunião aconteceria e cobravam sua realização.

As companheiras dos participantes também deram feedbacks sobre os impactos das ações do projeto no convívio familiar, sempre com desenvolvimentos favoráveis relacionadas à postura do companheiro, tais como ter se mostrado menos mal-humorado, mais flexível, paciente, comunicativo e, inclusive, ter comentado sobre as ações realizadas no Papo

Artigo 4Projeto Papo com Homens no Sesc Pará:
Um Relato de Experiência

com Homens. Já os membros convidaram outros homens, não participantes do TSI, para virem aos encontros. Contudo, reconheceram que os convidados, repetindo atitudes que o grupo tinha outrora, ainda tinham preconceito em relação a grupos de convivência, prevalecendo o entendimento de que são espaços femininos.

Na avaliação sobre como se sentiam, afirmaram que estavam mais próximos uns dos outros, conhecendo as histórias de cada um, fortalecendo vínculos de parceria e amizade, algo que valorizavam muito. Relataram, ainda, que no grupo de homens é mais fácil se colocarem, sentindo-se fortalecidos, valorizados em suas falas, e confortáveis ao realizarem narrativas sobre as questões masculinas pois acreditavam que por serem do mesmo gênero eram melhor compreendidos.

Por serem encorajados a exercitar uma postura propositiva e problematizadora sobre as dúvidas que lhes afetavam, nem sempre os diálogos eram tranquilos, pois dada a própria trajetória de vida e a inerente heterogeneidade na forma de como cada sujeito envelhece, os choques de ideias também aconteciam. Isso é favorável para o exercício do respeito às diferenças e à construção da cidadania. Pois esses sujeitos trazem para as vivências medos, dúvidas, hábitos e costumes, e com as devidas variações carregam, também, preconceitos, tabus e o ideário por vezes machista, construído socioculturalmente.

CONSIDERAÇÕES

A interação desse público masculino nas ações do TSI vem se intensificando cada vez mais, haja vista estarem mais atuantes não só nos momentos do Papo com Homens mas também nas reuniões reflexivas, performances de teatro e oficinas cognitivas, em que dançam, desfilam e recitam poesias. Ampliam, assim, a sociabilidade, passando a enxergar que o trabalho em grupo não é somente voltado para as mulheres e, possivelmente, estão cuidando mais da própria saúde na perspectiva do envelhecimento ativo.

Desta forma, destaca-se como resultado deste espaço voltado para o masculino que o homem passa a ter também o seu lugar no grupo social, ampliando sua percepção de vida, história e identidade e, assim, influenciando homens mais jovens a exercer a cultura do autocuidado na perspectiva de modificar, no futuro, essa realidade demográfica, para que tanto mulheres como homens possam viver suas velhices com qualidade de vida.

Assim, destacamos aqui a intencionalidade, através deste artigo, de contribuir para a adequação de espaços voltados para a participação

masculina no campo do envelhecimento humano, no que se refere à atenção para a velhice masculina. Pois, neste sentido, temos aprendido que se as velhices são diferentes, por isso a padronização das programações deve ser evitada, gerando e construindo conjuntamente novos saberes, buscando estarmos cada vez mais atentos às diversidades no envelhecimento.📍

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, A. N.; NASCIMENTO, M. M. P.; OLIVEIRA, M. M. D.; QUEIROGA R. M. et al. Percepção de idosos sobre grupo de convivência: estudo na cidade de Cajazeiras. In: *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, Rio de Janeiro, 2014; 17(1):39-48. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v17n1/1809-9823-rbgg-17-01-00039.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2019.
- ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; CARVALHO, V. A. M. L. Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. *Psicol. ciênc. prof.*, v. 25, n. 1, Brasília, mar. 2005.
- BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 3 jun. 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. *Cinco passos para elaboração de plano de educação permanente em saúde para as IST, HIV/Aids e Hepatites Virais*. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem*: princípios e diretrizes. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2009, 92 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- DANIEL, F.; SIMÕES, T.; MONTEIRO, R. *Representações sociais do “envelhecer no masculino” e do “envelhecer no feminino”*. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So874-55602012000200003. Acesso em: 6 mar. 2019.
- NOGUEIRA, I. R. R.; ALCÂNTARA, A. O. Envelhecimento do homem: de qual velhice estamos falando? In: *Revista Kairós Gerontologia*, 17 (1), São Paulo: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, mar. 2014, p. 263-282. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/21203/15497>. Acesso em: 26 mar. 2019.
- PRADO, M. L. et al. Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. In: *Esc. Anna Nery*, 2012, vol. 16, n. 1, p. 172-177. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000100023. Acesso em: 3 jan. 2019.

5

Educação Permanente na Vida de Pessoas

Idosas

Frequentadoras do Sesc São Paulo

[Artigo 5, páginas de 68 a 85]





Sandra Carla Sarde Mirabelli

Graduada em serviço social e pós-graduada em gestão de políticas públicas e terceiro setor na Instituição Toledo de Ensino (Bauru), mestra em gerontologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e doutoranda em serviço social na mesma universidade. Participa do Conselho Estadual de Assistência Social e trabalha como assistente técnica da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo.
sandracarlamirabelli@gmail.com

Suzana Carielo da Fonseca

Graduada em fonoaudiologia, mestra e doutora em linguística aplicada e estudos da linguagem na PUC/SP. Foi coordenadora, por dois mandatos consecutivos, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia na PUC/SP. Atualmente é fonoaudióloga clínica, atuando em consultório particular e na Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da PUC/SP, onde também é assistente-doutora. Atua, principalmente, com afasia, clínica da linguagem, velhice, clínica fonoaudiológica e gerontologia.
suzanafonseca30@gmail.com



RESUMO

Neste artigo, o ponto de partida é de que a educação permanente pode ser um instrumento fundamental para criar e/ou manter condições que favoreçam, de modo contínuo, a atualização de potencialidades vitais. O objetivo foi investigar a capacidade de diálogo do programa Trabalho Social com Idosos (TSI), do Sesc São Paulo, com o contexto social no qual se insere e o impacto das ações socioeducativas na vida das pessoas idosas que frequentam o Sesc. A metodologia de pesquisa contou com uma revisão bibliográfica sobre o tema, articulada a uma pesquisa de campo de estudo de casos múltiplos, com dados coletados em três unidades do Sesc São Paulo: Bauru, Consolação e Itaquera. Os resultados da análise apontam para um impacto altamente positivo das atividades socioeducativas do TSI na vida das pessoas idosas. No âmbito das atividades grupais, defendemos que se amplie a dimensão da dialogicidade por meio de ações que favoreçam as pessoas idosas a escutarem-se ou a escutarem, na própria voz, sua experiência de envelhecimento, contribuindo para desmistificar, nos discursos que circulam socialmente, a representação dicotômica sobre a velhice. Entendemos que a inclusão deste saber intuitivo nas práticas pode contribuir para o enfrentamento do preconceito etário nas sociedades globalizadas.

Palavras-chave: educação permanente; ações socioeducativas; envelhecimento; velhice; gerontologia.

ABSTRACT

In this article, the starting point is that continuing education can be a fundamental instrument for creating and / or maintaining conditions that permanently favor the actualization of vital potentials. Its objective was to investigate the dialogue capacity of the Social Work with the Elderly Program (TSI), of Sesc São Paulo, with the social context in which it is inserted, and the impact of socio-educational actions on the lives of elderly people attending Sesc. The research methodology included a literature review on the subject articulated with a field research of multiple case studies, data collected in three Sesc São Paulo Units: Bauru, Consolação and Itaquera. The results of the analysis point to the highly positive impact of IST socio-educational activities on the lives of older people. Within the scope of group activities, which broadens the dimension of dialogicity, actions that favor older people to listen or listen in their own voice to their aging experience, contributing to demystify, in the discourses that circulate socially, the dichotomous representation about old age. We understand that the inclusion of this intuitive knowledge in practices can contribute to the confrontation of age prejudice in globalized societies.

Keywords: permanent education; socioeducational actions; aging; old age; gerontology.

INTRODUÇÃO

Certamente, a maioria das pessoas concorda com a afirmação de que a educação **é fundamental**, pensando principalmente na preparação das novas gerações no que se refere à busca de emprego e à necessidade do desenvolvimento de novas tecnologias para assegurar um futuro promissor para as sociedades. Mas, tendo em vista o avanço do envelhecimento populacional global, qual **é** a relação da educação com a velhice?

Na perspectiva em que se situa atualmente o contexto educacional, os processos não formais e informais ganham destaque (aqueles que acontecem no âmbito das interações sociais cotidianas). Vale considerar a heterogeneidade marcante do grupo populacional idoso, o que nos leva a assinalar que interesses educacionais muito diversos podem estar em causa.

Assumir que a educação é processo que se realiza ao longo da vida é premissa que, sem dúvida, traz à luz a exigência da articulação entre os campos da gerontologia, da educação e do serviço social. Assim, colocamos em relevo o fato de que o serviço social é uma profissão interventiva que tem como um de seus princípios fundamentais a defesa dos direitos humanos. Yamamoto (2005, p. 20) considera que:

[...] um dos maiores desafios que o assistente social vive no presente é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano.

Neste sentido, entende-se que seja necessário estarmos atentos aos processos de transformação global e mais especificamente àquele que a população brasileira vem passando, contexto atualmente caracterizado por perdas de direitos e alterações significativas devido ao processo de envelhecimento demográfico em curso.



Vale considerar a heterogeneidade marcante do grupo populacional idoso, o que nos leva a assinalar que interesses educacionais muito diversos podem estar em causa.

O rápido envelhecimento populacional tem profundas implicações, trazendo importantes desafios para os indivíduos que envelhecem e as sociedades nas quais se encontram. Esse crescimento tem pressionado gestores e reclamado políticas sociais especificamente voltadas para a velhice; políticas que assegurem direito à vida, à saúde, à cultura, à educação, ao esporte, ao lazer, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. A efetivação dessas políticas, com certeza, criará dispositivos para que, cada vez mais, se possa viver em uma sociedade na qual as pessoas idosas serão menos excluídas e possam existir com mais dignidade.

Reconhecendo a importância deste tema, nos propusemos a realizar este estudo, com atenção especial voltada à perspectiva da educação permanente como possibilidade de atender e apoiar a pessoa idosa para que ela mantenha sua capacidade de reflexão, acreditando que contribui para a efetividade do fazer e decidir por si própria com independência e autonomia, conectando-se com um mundo que se transforma constantemente.

Freire (2014b, p. 51) afirma que “[...] não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. Ele enfatiza que educar é despertar as pessoas para a emancipação. Cabe destacar que, de acordo com esse autor, a educação envolve um movimento dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer, um dos pressupostos aqui assumidos, pensando na educação como instrumento que impulsiona a transformação subjetiva e social.

Sabe-se que o Sesc São Paulo é pioneiro no que diz respeito a propostas de trabalho junto ao segmento populacional idoso. Data de 1963 os seus primeiros movimentos nesta direção. Naquela época, o foco estava voltado para a interação social e a ocupação do tempo livre pelos aposentados:

[...] os primeiros Grupos de Convivência de Idosos do Sesc de São Paulo caracterizaram-se fundamentalmente pelas atividades sociais, esportivas e recreativas, com uma programação que oferecia aos idosos uma série de oportunidades descontraídas para a socialização: jogos de salão, gincanas, animações musicais dançantes, bailes, passeios – trazendo como benefício a sensação de bem-estar físico e emocional decorrente dessas atividades (Sesc, 2003, p. 46).

Note-se que, se no início, o centro das ações no Sesc era a sociabilização, mas, com o tempo, e como fruto das ações realizadas, introduziu-se gradativamente a necessidade de se articularem questões que entrelaçavam, além de lazer, também educação e envelhecimento. O foco das atividades propostas pela instituição é socioeducativo e cultural. É exatamente essa configuração atual que inspirou Mirabelli (2016) a realizar uma pesquisa voltada para tal temática. Isso porque, no Sesc São Paulo, a educação é entendida como cultura, um valor que permeia e permanece em todos os programas desenvolvidos pela instituição. Nas palavras do diretor regional do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda (2015)¹:

[...] a cultura é vista como ferramenta de mudança, transformação, protagonismo e valorização das pessoas e da sociedade. A cultura representa todo o acúmulo e conhecimento da capacidade humana de criar, inventar e fazer. A ação efetivamente tem que ser educativa. A ação do Sesc, muito mais do que nas suas descrições, tem assumido na prática uma perspectiva educativa. A presença da educação na questão do lazer, do tempo livre e depois da cultura é um desdobramento natural do entendimento de que o nosso papel como instituição de ação educativa se daria no caráter permanente da educação e não no caráter regular, escolar. Por isso, nossa conexão muito presente no mundo da cultura, como a grande ferramenta de transformação e mudança, sobretudo na dimensão da cultura como educação. É a arte a serviço de uma missão educativa. Para nós, mais do que uma diretriz estratégica propriamente dita, embora faça parte, é uma diretriz mais tática, mais prática, mais objetiva. O que significa dizer que as nossas unidades vão buscar, através de sua ação e da orientação dada nacionalmente, uma atividade prática no mundo das artes que tenha conexão com a educação que tenha conexão com compromissos que vão além da questão estética, que é fundamental, mas que não se esgota em si mesmo, vai além.

O entrelaçamento entre educação, cultura e sociedade norteiam os modernos debates sobre políticas educacionais, materializados no texto inicial da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.²

¹ Entrevista concedida ao site blogacesso.com.br/?p=30.

² Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

3 “[...] a evolução da educação através das diferentes civilizações, nos ensina que o ‘conteúdo real desse ideal’ variou sempre de acordo com a estrutura e as tendências sociais da época, extraindo a sua vitalidade, como a sua força inspiradora, da própria natureza da realidade social.”

De fato, desde o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, de 1932, sabemos que as bases ideológicas e científicas da formação humana precisam ser reavaliadas de tempos em tempos³, pois a vitalidade de um projeto educativo vem da sua capacidade de diálogo com a sua realidade social.

Em São Paulo, o Sesc realiza um trabalho de ação sociocultural complementar ao sistema educativo formal, priorizando a implantação de uma política de educação não formal com esse viés. Atuando nos campos da cultura, do lazer, da saúde, da assistência e da ação comunitária, a instituição desenvolveu um programa amplo e integrado de educação, cujas raízes estão firmadas em acordos mundiais que se fundamentam na humanização da educação.

Apresentada nas reflexões de Freire (1997, p. 9-32), entende-se por humanização da educação:

[...] quanto mais conhecer, criticamente, as condições concretas, objetivas, de seu aqui e de seu agora, de sua realidade, mais poderá realizar a busca, mediante a transformação da realidade [...] Quanto mais inserido, e não puramente adaptado à realidade concreta, mais se tornará sujeito das modificações, mais se afirmará como um ser de opções. Dessa forma, o objetivo básico de sua busca, que é o ser mais, a humanização, apresenta-se-lhe como um imperativo que deve ser existencializado.

Portanto, a relevância da reflexão que encaminhamos aqui pode estar no fato de que ele aborda a articulação entre envelhecimento e educação (entendida como um processo permanente) a partir da transversalidade dos pressupostos que fundamentam a área do serviço social, da educação e da gerontologia com os saberes dos sujeitos idosos. Espera-se que ela possa ampliar e aprofundar o conhecimento existente no campo dos estudos gerontológicos, contribuindo para a sólida fundamentação de programas socioeducativos voltados para o segmento idoso.

EDUCAÇÃO NA VELHICE: PROCESSO CONTÍNUO E EMANCIPATÓRIO

Inicia-se esta reflexão adotando Paulo Freire como autor de referência na área da educação para discutir a proposição a que fizemos referência na introdução deste trabalho. Essa escolha se deve pelo fato de que ele propõe que a educação seja pensada como um processo permanente que se traduz como meio para a emancipação humana. Nessa perspectiva, educação resulta em transformação social, já que envolve uma dupla

dimensão: política (leitura de mundo) e gnosiológica (leitura da palavra, dos conceitos, das categorias, das teorias, das disciplinas, das ciências, das elaborações humanas). Sua proposta coloca em relevo a mutualidade determinante, no processo educativo, dos sujeitos (educandos e educadores) e/em seu contexto histórico e social.

Para o autor, a educação deveria ser um processo no qual um ser humano parte do que é para transformar-se no que ele quer ser. Mas, nem toda prática educativa é transformadora nesse sentido. Na sua ótica, há um número grande de propostas educativas que podem ser resumidas em duas perspectivas básicas, quais sejam: uma, que ele chamou de “bancária”, favorece uma condição de alienação o que, por pressuposto, condiz com dominação e opressão. Tal vertente é desumanizante porque fundada numa perspectiva de que educação é submissão. Parte-se do pressuposto que a realidade é estática, compartimentada, tem uma visão de sujeito acabado, conclusivo, passivo, bem-comportado. Tal proposta, segundo Freire, inibe o poder criador dos educandos, camuflando sua capacidade de reflexão acerca das contradições e conflitos emergentes do cotidiano, com o objetivo de manter a reprodução da consciência ingênua, da acriticidade.

Contrapondo-se a essa tendência, a “educação libertadora” faz com que as pessoas se tornem mais conscientes, livres e humanas. Nela, o que está em causa é uma relação intrínseca entre teoria e prática:

[...] na perspectiva do educador pernambucano, a educação é também dialógico-dialética, porque é uma relação entre educando, educador e o mundo, no círculo de cultura [...] é ainda práxis, isto é, uma profunda interação necessária entre prática e teoria, nesta ordem [...] a prática precede e se constitui como princípio fundante da teoria. Esta, por sua vez, dialeticamente, dá novo sentido à prática, especialmente se for uma teoria crítica, ou seja, resultante de uma leitura consciente do mundo e de suas relações naturais e sociais (Streck, Redin & Zitkoski, 2010, p. 134).

Outro fundamento da reflexão freireana, igual em importância à relação dialética teoria-prática, se traduz pela seguinte afirmação:

Homens e mulheres, ao longo da história, vimo-nos tornando animais deveras especiais: inventamos a possibilidade de nos libertar na medida em que nos tornamos capazes de nos perceber como inconclusos, limitados, condicionados, históricos (Freire, 1994, p. 100).

Artigo 5Educação Permanente na Vidas de Pessoas
Idosas Frequentadoras do Sesc São Paulo

Assim, para o autor, a educação (e, principalmente, a educação de adultos) deve ser entendida como um processo contínuo e emancipatório. Tal proposição nos conduz a pensar que o trabalho educativo deve preconizar a insubordinação, a curiosidade, o diálogo e a capacidade crítica dos educandos, pautado em atividades que não são impostas, mas antes construídas e reconstruídas pelos próprios sujeitos, o que constituiria, na sua ótica, uma verdadeira aprendizagem.

Em 1979, no livro *Educação e Mudança*, Freire já afirmava que a educação deveria considerar tanto a vocação do homem para ser sujeito como as condições em que ele vive: um exato lugar, um exato momento, um determinado contexto. Isso porque, para ele, as relações e interações contextuais influenciam o sujeito de tal modo que atravessam sua capacidade de criação, recriação, decisão e geração de construções coletivas. Portador de experiências já incorporadas na sua história de vida, ele precisa responder às estruturas sociais do seu tempo, aos desafios de seu contexto vital. Nesse sentido, precisa preparar-se, refletindo sobre ele e com ele se comprometendo. Trata-se, como o autor deixa claro em 2001, de aprendizagem possível para qualquer pessoa, de qualquer idade:

Crianças e adultos se envolvem em processos educativos de alfabetização com palavras pertencentes à sua experiência existencial, palavras grávidas de mundo. [...] Isto significa ser o ser humano, enquanto histórico, um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente de sua inconclusão. Por isso, um ser ininterruptamente em busca, naturalmente em processo (Freire, 2001, p. 16).

No conjunto do pensamento de Freire encontra-se a ideia de que tudo está em permanente transformação e interação. Essa concepção ampla de educação visa o desenvolvimento integral do ser humano e implica pensar que a construção de conhecimentos se realiza em espaços que ultrapassam aqueles classicamente consagrados para tal, as instituições educacionais. Note-se aí uma dupla ampliação de olhar: aprender é algo que se estende para além da infância e do espaço escolar, e o aprendiz é alguém que protagoniza o processo educativo.

Outro ponto fundamental é a questão da interdisciplinaridade como enfoque teórico-metodológico no enfrentamento da fragmentação de saberes. Campos diversos da ciência – tais como, educação, servi-

ço social e gerontologia – têm se articulado em torno da questão que envolve a educação permanente. A interdisciplinaridade resulta do diálogo teórico entre campos disciplinares com vistas à melhor compreensão de uma dada realidade, portanto entende-se que pressupostos que fundamentam os saberes construídos nos campos da educação e do serviço social possam/devam ser movimentados no campo da gerontologia, levando em conta que:

[...] a concepção da proposta interdisciplinar no âmbito da gerontologia leva em consideração que a mesma se constitui em uma área de conhecimento científico vocacionada para o estudo sobre o envelhecimento e a velhice, fenômenos estes de caráter biopsicossocial e subjetivo. A interdisciplinaridade se destaca como eixo articulador, numa rede infinita de relações, que se manifestam em diferentes graus de complexidade, favorecendo a real integração do conhecimento, o que é válido especialmente para a gerontologia (Lodovici & Silveira, 2011, p. 299).

O conhecimento interdisciplinar, para Fazenda (2008), é concebido nas dimensões do sentido (saber), da funcionalidade (saber-fazer) e da intencionalidade (saber-ser), requerendo da prática profissional diferentes cuidados para que os saberes sejam adequadamente produzidos na interação educador-educando, de tal forma que se possa perceber coerência entre o que se diz e o que se faz.

A autora atenta para o fato de que a trilha interdisciplinar caminha no seguinte sentido: do ator ao autor de uma história vivida e de uma ação conscientemente exercida a uma elaboração teórica duramente construída.

Note-se que não é tarefa das mais fáceis encaminhar uma abordagem interdisciplinar. Contudo, Mercadante & Brandão (2009, p. 102) assinalam:

[...] a complexidade não deve ser vista como dificuldade, uma “desculpa” para as ações transformadoras, e sim considerada como um desafio a ser enfrentado por todos, mesmo que as transformações sejam pequenas e lentas diante de inúmeras necessidades de todos os segmentos da sociedade.



(...) não há prática interdisciplinar sem ser coletiva. Esse movimento necessita de conexão, troca, sintonia, consistência, comprometimento profissional para a construção de uma sociedade mais humana.

Diante desse quadro, Lodovici & Silveira (2011, p. 293) ressaltam que:

[...] torna-se, assim, relevante a ideia de que o mundo não é uma soma-tória de fenômenos isolados, mas se constitui de infinitas possibilidades de ações interativas. As situações e fatos vividos não são excludentes, mas resultam da diversidade das inter-relações entre componentes culturais, linguísticos e outros que caracterizam a realidade em todas as suas dimensões.

Entende-se ainda que não há prática interdisciplinar sem ser coletiva. Esse movimento necessita de conexão, troca, sintonia, consistência, comprometimento profissional para a construção de uma sociedade mais humana. Na gerontologia, no serviço social ou na educação, os saberes especializados podem/devem ser mobilizados numa articulação que dialogue com as demandas específicas de tais práticas junto a pessoas idosas. Temos aqui uma questão que atravessa os três campos, qual seja, a educação de pessoas idosas.

Sabe-se que há uma articulação entre saberes que, na prática, quando implicada na educação de pessoas idosas, tende a diluir fronteiras entre a educação, o serviço social e a gerontologia. Note-se, contudo, que além do cruzamento entre conceitos tecidos nesses campos da ciência, as práticas educativas se comprometem com a inclusão dos saberes (senso comum) das próprias pessoas idosas, ou seja, o que se cruza nas práticas não são apenas conceitos científicos!

Ora, se deve haver uma relação dialética entre teoria e prática, os saberes dos sujeitos idosos acabam por ser incluídos na teorização que decorre das ações nas quais eles estão envolvidos.

Essa construção, apoiada nos princípios freireanos, não se esgota, como vimos, no “para si”, mas, ao contrário, se projeta “para o outro”. Por não perder de vista a dinamicidade que caracteriza tal construção (coletiva e subjetiva) é que se torna um processo educativo libertador (emancipatório) ao longo da vida.

Na pesquisa de campo realizada por Mirabelli (2016), participaram 24 sujeitos inseridos no programa Trabalho Social com Idosos (TSI)⁴, e ela será tomada também como referência neste debate. Para tal, lançamos mão da análise por ela oferecida para um dos casos no qual se deteve e que apresentamos a seguir.

Sra. E (66 anos, divorciada, espírita, professora, aposentada)

“Isso me faz sentir uma velha forte.”

Talvez se possa afirmar que a entrevista com a sra. E tenha sido marcada por três pontos essenciais. O primeiro diz respeito a um diferencial na problematização que envolve o significado dos termos velho e idoso. O segundo refere-se à objetividade para falar sobre o atravessamento da sua vida pelo TSI e seus efeitos positivos. O terceiro tem relação com oportunidades de abertura para construção do conhecimento de si e do outro pela via do diverso globalizado.

Vamos ao primeiro ponto: “Eu me considero uma pessoa velha, mas ativa, me sinto idosa. Me vejo no espelho que, para mim, é sinônimo de velho”. Essa fala é reveladora de muitas coisas. Não se pode negar primeiramente que a sra. E, de algum modo, está lutando para sair da armadilha dicotômica com que os termos velho e idoso são tratados, o que se denuncia no uso da conjunção adversativa “mas”. Interessante que ela se considere, ao mesmo tempo, “velha, mas ativa, me sinto idosa”. É quase como se ela não se sentisse autorizada a dizer que é uma velha ativa. Contudo, com o desenrolar da entrevista, é a suspensão desta dicotomia que se realiza, quando ela se escuta nessa contradição e declara: “Isso me faz sentir uma velha forte”. Velha forte (e não, velha, mas forte). Ora, chegar aí tem um viés emancipatório, libertador da alienação ou das amarras (travas) do discurso hegemônico sobre o que é viver a vida na velhice.

Detendo-se, então, no segundo ponto: o atravessamento da sua vida pelo TSI. Inicia-se pela consideração de que ele está condensado no isso da citação acima já que a sra. E afirma: “Eu dependo do Sesc para ser feliz, porque aqui eu encontro tudo, a arte, o esporte, o bom papo e o teatro que me trouxe muitas alegrias para trabalhar [...] isso me faz sentir realmente uma pessoa com forças, sem fraquezas”. Ela acrescenta

4 Os dados foram coletados em três diferentes unidades do Sesc São Paulo: Bauru, Consolação e Itaquera. Optou-se por estudos de casos múltiplos, de tal modo que cada uma se constituiu como um estudo de caso individual cujos resultados foram cruzados com os das demais unidades.

Artigo 5Educação Permanente na Vidas de Pessoas
Idosas Frequentadoras do Sesc São Paulo

que “[...] as atividades influenciam no meu dia a dia, pois eu me arrumo para sair de casa, [...] abre nossa cabeça, me torno uma pessoa mais forte”. Conclui-se que o impacto das ações socioeducativas da unidade Sesc Consolação é altamente positivo na vida desta senhora, colocando-a num movimento que a fortalece e contagia os que dela se aproximam.

Finalmente, a sra. E tangencia uma discussão importante para a reflexão ao tocar num ponto que traz à luz desdobramentos de encontros que propiciam “o acontecer do outro no planeta”. Ela compartilha a seguinte experiência:

[...] para o futuro eu tenho planos de conhecer a China (chora!). Eu tive uma amizade com um senhor chinês, que eu me aproximei, e vivenciei os conhecimentos orientais, eu gosto muito. Ele teve o filho assassinado aqui no Brasil [...] este senhor visitava o Brasil todos os anos, eu o levava para as escolas, ele não fala português e nem eu inglês, mas a gente se entendia muito bem, foram muitas trocas de experiências. Eu acredito que ainda vou conhecer a China.

Note-se que, surpreendentemente, a troca de experiências não foi barrada pela língua. O encontro com o senhor chinês possibilitou-lhe buscar, na sua própria língua, conhecimentos relativos à cultura oriental.

Levando em conta o que emergiu da fala desta senhora e cruzando-a com a dos demais sujeitos da pesquisa de campo, Mirabelli (2016) concluiu que as entrevistas possibilitaram identificar nas falas dos sujeitos, em todas as unidades: o uso do termo idoso com sentido oposto ao de velho – dicotomia (positivo x negativo); a referência à convivência como favorecedora de melhor qualidade de vida, o que leva ao reconhecimento de que a metodologia de grupo tem, para as pessoas idosas pesquisadas, um efeito estruturante no viver bem a velhice; a remissão do efeito transformador das atividades socioeducativas, ou seja, seu impacto positivo sobre a vida dos sujeitos participantes, com atualização de potencialidades encobertas e consequente fortalecimento subjetivo; de maneira explícita ou implícita, emergiu nas falas dos entrevistados a consciência da incompletude humana quando, de maneira unânime, eles consideraram pertinente afirmar que na velhice não só se aprende como também se ensina; e, finalmente, a remissão a projetos futuros, a aspiração de conhecer outros países.

Mirabelli (2016) observou, ainda, que a referência à conquista de certa liberdade como efeito da educação permanente foi feita por



Com uma escuta sensível e atenta, pode-se verificar as seguintes temáticas: a participação cidadã; a consciência política; o atravessamento da dimensão tecnológica como meio para evoluir; a dimensão de coragem; e a voz do educando no processo educativo.

sujeitos das unidades Consolação e Itaquera. Questões relativas à finitude e à preocupação com a saúde física e mental apareceram com mais vigor nas falas dos sujeitos das unidades Bauru e Itaquera, enquanto o tema da intergeracionalidade ocupou mais as falas de sujeitos das unidades Bauru e Consolação.

Com uma escuta sensível e atenta, pode-se verificar que na unidade Bauru destacaram-se as seguintes temáticas: a participação cidadã; a consciência política; o atravessamento da dimensão tecnológica como meio para evoluir; a percepção de um declínio na saúde e na aparência física; a possibilidade/necessidade de ser ator no tempo real; a dimensão de coragem; e a voz do educando no processo educativo.

Quanto à unidade Consolação, outras questões surgiram: emancipação, criticidade em relação ao discurso hegemônico sobre o viver a vida na velhice, referência ao acontecer do outro no planeta, promoção da ocupação do tempo livre, reflexão sobre as várias faces da velhice, diversidade de experiências, preconceito etário e diálogo como motor de transformação pelos processos educativos.

Por fim, na unidade Itaquera, as falas retrataram a questão do cuidado de idosos fragilizados por outros idosos, a esperança e os sonhos de mudança de condição/posição, a perspectiva de humanização, o trabalho como sinônimo de prisão e opressão e a centralidade da conexão com o mundo para o viver bem a velhice.

Mediante esse cruzamento, concluiu-se que embora existam diferenças de contexto socioeconômico e cultural entre as unidades do Sesc pesquisadas, os pontos coincidentes indicaram que as ações socioeducativas do TSI são avaliadas positivamente pelas pessoas idosas participantes em função da percepção de seu efeito transformador na qualidade de vida. Tendo em vista o conteúdo que mobilizam, também foi possível recolher duas direções principais que contribuíram para o seu aperfeiçoamento: investir na problematização dos termos idoso x velho com o objetivo de suspender o viés dicotômico suscitado pela

Artigo 5Educação Permanente na Vidas de Pessoas
Idosas Frequentadoras do Sesc São Paulo

alienação dos discursos sobre a velhice que circulam socialmente na contemporaneidade e fortalecer o trabalho grupal, radicalizando a perspectiva dialógica no processo educativo.

Embora tal perspectiva não seja propriamente uma novidade no TSI, talvez a contribuição deste artigo seja o de apontar para a necessidade de se inserir na metodologia adotada um espaço que privilegie não apenas a escuta para a fala da pessoa idosa, mas também, e principalmente, para que ela possa escutar-se no que diz. Em outras palavras: o saber intuitivo das pessoas idosas (o que deriva da experiência de envelhecimento), como discutido nas análises das entrevistas, suspendeu a dicotomia positivo x negativo vinculada a essa etapa vital. As contradições presentes nas falas destes sujeitos mostraram que eles se dão conta de que na velhice, como em qualquer outra etapa, positivo e negativo são polos que dinamicamente se imiscuem no viver a vida. O que não se pode perder de vista é que qualquer termo que faça referência ao grupo que se encontra nessa fase deveria condensar essa polaridade fundante.

Quem sabe assim, trazendo à luz esse saber intuitivo, não se possa alcançar de maneira mais eficaz a meta de desmistificar a velhice no seio social. E com um acréscimo: na concretização desta meta, quem ocuparia a posição de educando seria o próprio sujeito velho, ensinando aos demais membros do corpo social que se a vida pode encontrar desequilíbrio (o que faz pender o pêndulo mais para um lado do que para o outro) em qualquer ponto do curso vital, pode também se reequilibrar se encontrar um entorno favorável para tal: o que é verdade também na velhice! O TSI já é tomado por eles como esse suporte. Sem exceção, todos os sujeitos da pesquisa (dos 60 aos 90 anos) testemunharam seu fortalecimento como efeito da participação nas atividades socioeducativas propostas.

Levando em conta as diferenças (mas não divergências) nas falas das(os) idosas(os) das diferentes unidades do Sesc, Mirabelli (2016) concluiu que o TSI tem se constituído com um instrumento de emancipação para tais sujeitos. No Sesc Bauru, alguns dos entrevistados participam do Conselho Municipal e Estadual do Idoso, fato que não comprovamos nas outras unidades. Sem dúvida alguma, é preciso estimular em todas elas a intervenção social mais ampla, tendo em vista a concretização de direitos e, conseqüentemente, a construção de caminhos libertadores da opressão, já que não se devem marginalizar desdobramentos que afetam outros tipos de participação cidadã.

Outra questão importante assinalada por Mirabelli (2016) diz respeito à remissão à tecnologia como ferramenta para que se possa evoluir (não ficar parado no tempo). De fato, ela permite conexões mais amplas. A autora sugeriu, então, a promoção de encontros virtuais entre grupos de pessoas idosas de diferentes partes do planeta, pois permitiriam uma profunda troca de experiências. Saber como vivem velhos(as) no mundo pode produzir transformações no sentido de que experiências bem-sucedidas possam se tornar fatos reais em qualquer lugar do planeta. Com a globalização, estamos mais perto de construir uma forma de conhecimento concreto do mundo tomado como um todo e das particularidades dos lugares, que incluem condições físicas, naturais ou artificiais e condições políticas. Isso poderia ajudar a evitar o risco de cairmos numa espécie de pensamento único. A tomada de consciência da totalidade do ser no mundo seria determinada pelo atravessamento da diversidade de experiências subjetivas. E, assim, problemas locais deixariam de ser enfrentados de maneira isolada ou descontextualizada das influências e determinações mundiais.

Ao realizar-se esta síntese de dados cruzados, Mirabelli (2016) concluiu que as pessoas idosas se envolvem em atividades socioeducativas porque, portadoras de experiências já incorporadas na sua história de vida, precisam, como sujeitos históricos, responder às estruturas sociais do seu tempo e aos desafios de seu contexto vital globalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo articula os conhecimentos construídos nas áreas da gerontologia, educação e serviço social porque – com o reconhecimento de que a educação de pessoa idosas é questão que atravessa esses três campos – reconhece ser necessário que os conceitos centrais de cada uma destas áreas se tornem operadores da leitura dos dados coletados em pesquisa de campo cujo foco de reflexão esteja voltado para tal temática.

Valendo-se da metodologia de estudo de casos múltiplos, Mirabelli (2016) concluiu que o TSI – que assume o compromisso com uma educação libertadora, segundo as pessoas idosas que dele participam – produz um impacto altamente positivo na qualidade de vida. Vale ressaltar algumas expressões que esses sujeitos invocaram para significar a experiência socioeducativa promovida pelo programa Trabalho Social com Idosos do Sesc São Paulo nas unidades Bauru, Consolação e Itaquera: “fortalecimento”, “mudança”, “evolução”, “transformação”, “renascimento”, “liberdade”, “abertura”, “empolgação”, entre outros.

Artigo 5Educação Permanente na Vidas de Pessoas
Idosas Frequentadoras do Sesc São Paulo

Também, a metodologia adotada de ação comunitária ou metodologia de grupo parece mesmo ser a mais adequada para o desenvolvimento de uma proposta educativa assentada no compromisso da politicidade e dialogicidade. Assim, não apenas as pessoas idosas educandas são atravessadas pelos conhecimentos que com elas se compartilham, mas o TSI abre espaço para se deixar atravessar pelos saberes acumulados na experiência de vida desses mesmos sujeitos que, nesta posição, se tornam educadores. Isso torna o terreno fértil para intervenções sociais profícuas, até mesmo no sentido de subverter discursos discriminatórios e preconceituosos sobre a velhice.

Procuramos encaminhar aqui a proposição de que fenômenos complexos exigem a diluição das fronteiras disciplinares para que um novo conhecimento resulte do entrecruzamento crítico e consequente de diferentes saberes, incluindo aí os que não são científicos. Neste artigo, as conclusões e as proposições a que se pode chegar são consequentes do cruzamento de conceitos forjados em diferentes campos da ciência, articulados com os saberes enunciados pelas pessoas idosas participantes do TSI.

Concluimos, finalmente, que as pessoas idosas se envolvem em atividades socioeducativas porque, portadoras de experiências já incorporadas na sua história de vida, precisam, como sujeitos históricos, responder às estruturas sociais do seu tempo e aos desafios de seu contexto vital globalizado.🌐

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola>>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- DOLL, J. Educação e envelhecimento: fundamentos e perspectivas. In: *Revista A Terceira Idade*. v. 19, n. 43, out. 2008. São Paulo: Sesc, p. 7-26.
- FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: *O que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez, 2008, p. 17-28.
- _____. *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2a. ed., São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.
- _____. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- _____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- _____. Papel da educação na humanização. In: *Revista da Faeeba*. Salvador, Faculdade de Educação da Bahia, ano 6, n. 7, jan.-jun. 1997, p. 9-32. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/158258396/FREIRE-P-Papel-da-educacao-na-humanizacao-rtf>. Acesso em: 31 out. 2019.
- _____. *Política e educação: ensaios*. 5 ed., v. 23. São Paulo: Cortez, 2001.
- IAMAMOTO, M. V. *Estratégias em serviço social*. São Paulo: Cortez, 2005.
- JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LODOVICI, F. M. M.; SILVEIRA, N. D. R. Interdisciplinariedade: desafios na construção do conhecimento gerontológico. In: *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*. Porto Alegre (RS), 16(2), p. 291-306. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/24814/15444>>. Acesso em: 2 fev. 2012.
- MERCADANTE, E.; BRANDÃO, V. M. A. T. *Envelhecimento ou longevidade?* São Paulo: Paulus, 2009.
- MIRABELLI, S. C. S. *Ações socioeducativas na educação permanente: o Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc SP: diálogo com o contexto globalizado e impacto na vida dos sujeitos participantes*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.
- MIRANDA, D. S. O Sesc e o seu papel na cultura. Disponível em: <www.blogacesso.com.br/?p=30>. Acesso em: 19 jul. 2015.
- MORAES, M. C. Uma educação para a era das relações. In: *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papirus, 1997, p. 209-228.
- NEVES, S. A. H. Velhice: complexa idade: o paradigma da complexidade e sua importância para o campo da gerontologia. 2013, 81f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.
- SANTOS, A. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 37, 2008, p. 71-83. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/07.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2015.
- SESC. *O século da terceira idade*. São Paulo: Sesc, 2003.
- STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. *Dicionário Paulo Freire*. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.



ENTREVISTA VILMA ARÊAS

Escrever significa reescrever. Ler significa reler, isso eu falo para meus alunos até hoje. De manhã você dá uma olhadinha, dá uma lida, no meio do dia você dá outra olhada com atenção, já muda, você tem que conviver com aquele texto.



Vilma Arêas é fluminense de Campos de Goytacazes, porém vive há muitos anos em São Paulo. Professora de literatura brasileira na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) é autora de diversos livros como *Vento sul*, *Aos trancos e relâmpagos* e *Trouxa frouxa*. É estudiosa da obra de Clarice Lispector, sobre a qual escreveu *Clarice Lispector com a Ponta dos Dedos* (2005, prêmio APCA na categoria Literatura), tendo a conhecido no Rio de Janeiro. Pela terceira vez, Vilma recebeu o prêmio Jabuti 2019 com o seu último livro *Um Beijo por Mês* (Luna Parque Edições, 2018), vencedor na categoria contos. Vilma tem um tempo particular para escrever e nos encanta com suas interpretações do cotidiano.



RAIO-X
Vilma Arêas

83 anos, escritora,
ficcionista e ensaísta
brasileira



MAIS 60 Vilma, começamos a entrevista pedindo para você falar um pouco sobre sua história de vida, suas origens, a cidade em que você nasceu... você estava falando que tem irmãs. Fale sobre sua família.

VILMA Eu tenho, tinha duas irmãs e dois irmãos.

MAIS 60 Você tem duas filhas...

VILMA Duas filhas e Francisco, que nasceu em [19]76. Tive ele com 40 anos. E aí eu fiquei perto da casa da minha mãe, que tinha uma casa enorme, meus irmãos eram todos jovens, estava todo mundo ali, então eu ia muito lá, deixava as crianças lá, e não tinha jeito, entendeu? E ficavam lá, meu irmão tinha gato, cachorro, o menor tinha macaco... E o menor era muito amigo delas e elas o adoravam, eu tive essa facilidade do interior. Quando eu me separei, Fernanda tinha seis e Virginia tinha cinco, elas têm um ano de diferença.

MAIS 60 Eram lá de Campos dos Goytacazes... E então você veio para São Paulo?

VILMA Vim para São Paulo porque estava desempregada no Rio [de Janeiro], daí o Fausto (segundo marido) tinha feito economia na Alemanha e foi chamado para aquele jornal de economia, o *Gazeta Mercantil*. Então, convidaram ele, que veio um ano na frente, eu fiquei com as crianças para ver se dava certo, e eu vim. Adorei São Paulo. Tinha o apartamento, tinha o trabalho e eu fiz doutorado. Vim pra cá fazer o doutorado. Aí, não conhecia ninguém. Em São Paulo não conhecia nada. Aí fui para a USP [Universidade de São Paulo] e fui ver... o Décio de Almeida Prado¹ que tinha duas vagas. Eu sabia que ele era for-

¹ Décio de Almeida Prado (São Paulo, São Paulo, 1917 – São Paulo, São Paulo, 2000). Crítico, ensaísta e professor. O mais influente crítico teatral paulista ao longo de todo o seu exercício profissional, que se inicia em meados da década de 1940 e segue até fins dos anos 1960. Autor de inúmeros ensaios de interpretação da história do teatro brasileiro.



“Eu escrevo no papel, quer dizer, eu rabisco, porque eu gosto de escrever no meio de gente. Em ônibus, em trem, assim, na rua, eu faço um rabiscadinho...”

“...Eu gosto, você tem uma impressão forte às vezes, e rabisco uma coisa. Tenho um sonho, então rabisco. Depois, vou juntando essas coisas e vai fazendo um sentido.”

midável. Décio foi o meu melhor amigo aqui em São Paulo. Eu tenho saudade dele até hoje. Ele olhou meus papeis e perguntou assim: “Mas por que você veio para São Paulo, tanta coisa para fazer no Rio” e tal... Olhei para ele e tive tanta confiança que pensei, vou dizer a verdade, “vim por amor”. Ele levou um choque, ((risos)). Entrevista de doutoramento, por amor? Ele era assim, recebia um golpe, relaxava, e dizia “me conta essa história...” Contei. Pronto, conversamos mais de duas horas. Isso foi em [19]79.

MAIS 60 Vilma, você ficou na Unicamp até que ano?

VILMA Até me aposentar, com 70, em [19]83. Aposentei com 50 anos de sala de aula. Fui expulsa da Federal do Rio de Janeiro [UFRJ]. Eu estou aqui por causa da ditadura de [19]64, né? Fui expulsa, fui detida, meu marido foi preso, torturadíssimo, acabou morrendo.

MAIS 60 Hoje se fala em feminismo, acho que nunca se falou tanto disso de uma maneira tão generalizada, as meninas falam disso, crianças, adultos e velhos, mas você falando, você teve uma atitude muito feminista naquela época...

VILMA Ah, é... Eu me separei com 29 anos do meu primeiro marido. Em Campos de Goytacazes, você fica logo mal falada. Eu não ligava.

MAIS 60 Mas e sua família? Você teve essa criação progressista?

VILMA Ah, não existia isso. Eu fiz faculdade no Rio, em Campos não tinha. Fiz faculdade entre 1955 a 1958, e o que me salvou é que tive uma bolsa... Eu dava aula, depois que apareceu faculdade em Campos, de letras, então, me chamaram

para dar aula lá. Ai fui para Campos, me casei e aí, no meio, o Conselho Britânico passou uma circular convidando professores de universidades do interior para um estágio de quatro meses na Inglaterra, e que estudassem literatura inglesa. Eu tinha que fazer uma prova no Rio. Fiz a prova, passei, daí eles pagavam a passagem de volta, não a de ida, você tinha que pagar a de ida. Era para não pagar a passagem de alguém que depois ficasse lá. Quase fiquei ((risos)), mas eu tinha duas crianças. Daí, eu reuni o pessoal ao redor da mesa e falei: “Mês que vem vou para a Inglaterra”. O mundo caiu.

MAIS 60 Como foi essa experiência?

VILMA Foi maravilhosa, não só porque eu tive aulas de fonética e tudo mais, mas vi que era um país civilizado. Só para vocês verem, eu queria ter umas aulas de fonética com um professor que era muito bem falado, e fui lá na secretaria. Falei que queria ter aula com o tal professor. Ela perguntou: “Qual o melhor dia para você?” Eu falei: “Quinta-feira”. Ela disse: “Na quinta, ele bebe” ((risos)). Pensei, estamos num país civilizado ((risos)).

MAIS 60 Quais são suas inspirações para escrever e onde você escreve, Vilma?

VILMA Eu escrevo no papel, quer dizer, eu rabisco, porque eu gosto de escrever no meio de gente. Em ônibus, em trem, assim, na rua, faço um rabiscadinho, porque eu não tenho carro, só ando de ônibus. Eu gosto, você tem uma impressão forte às vezes, e rabisco uma coisa. Tenho um sonho, então rabisco. Depois, vou juntando essas coisas e vai fazendo um sentido.

MAIS 60 Tem uma cena, do próprio beijo, do conto, eu adoro. (de *Um Beijo por Mês*, seu último livro)

VILMA Do conto do chofer?

MAIS 60 Isso.

VILMA É verdade, esse conto.

MAIS 60 Então, quero saber disso, Vilma...

A personagem fala para o motorista o seguinte quando ele pergunta por que ela não quer um relacionamento: “É que eu cheguei à conclusão de que tenho pouco tempo e preciso me concentrar para fazer mais alguma coisa”.

VILMA É verdade. Essa história é formidável, porque quando o Fausto morreu, meu marido... eu me apaixonei por ele com 18 anos, não deu certo. Ele era do Partido Comunista, achava que eu era uma idiota da letras, ele era um ano mais velho do que eu e fazia filosofia. Foi expulso no último ano. Bom, daí ele foi embora para a Europa, voltou 20 anos depois. Quando ele morreu, bem, acho que foi o único homem que me dei bem para morar, porque eu nunca quis morar [junto]. Eu acho que morar não dá certo, mas no fim ele insistiu, eu disse vamos experimentar e deu certo. As meninas aceitaram bem, depois tivemos um filho enquanto ele estava preso. Ele quis, eu disse: “Vamos providenciar”.

MAIS 60 E a gente estava falando do conto.

VILMA O conto, pois é... então, sai da consulta do oftalmologista, é como está no conto, pupila dilatada, eu fiquei com medo de atravessar a rua, pedi para um motoboy para me atravessar, “você pode me levar até o outro lado, porque estou com medo de atravessar?”. Ele falou “vamos lá”, diante de um chofer, grandalhão, bigodudo, achei ele até simpático, não estava enxergando,

aí ele falou: “Vem aqui na frente, para a gente ir conversando”. Eu disse: “Você não vai bater de frente não, né?”. Ele disse: “Não”. Sentei na frente, achei normalíssimo. Aí, fomos conversando e ele começou a me fazer perguntas pessoais, “você gosta de cinema?”. “Você trabalha?” “Você tem filhos?” Eu perguntei, “você está me cantando?” ((risos)). Ah, eu pergunto logo, eu detesto esse negócio de sedução, fala o que quer ((risos)). Aí ele respondeu: “Estou, estou te cantando, gostei muito de você”. “Ah, não vai dar, eu tenho 80 anos”, e ele disse: “Que coincidência, eu também”. Aí perguntei por que ele estava atrás de mulher aos 80 anos, ele falou: “Não estou atrás de mulher, estou atrás de você”. Olha que sabido!

MAIS 60 Como isso acabou?

VILMA Sabido, eu ri, achei graça, mas perguntei o que tinha acontecido com ele, porque estava assim, sei lá, querendo... Aí ele custou, mas disse, “não, eu fui casado mais de 50 anos, muito feliz. Um dia cheguei em casa, minha mulher estava dormindo, me aproximei dela e ela estava morta. Aí, meu mundo desabou. Agora, passados alguns anos estou querendo refazer a vida”. Eu disse “você faz muito bem”, e ele “ah, então você quer...” Não, comigo não, você pode achar uma mulher mais nova, é melhor. Eu não. Então, ficou esse papo. Depois ficamos amigos, quando chegamos na frente do meu prédio e eu fui pagar, ele não quis, “não, eu vou pagar, nada disso de eu não quero que pague” e brinquei com ele “amores, amores, negócios a parte”. Aí ele falou “eu posso te dar um beijo?”. Sabe esses beijinhos que a gente dá nas pessoas?

MAIS 60 Ele te beijou?

VILMA E ele me deu um beijo. Eu gostei ((risos)). Gostei do beijo e falei: “Você topa um beijo por



mês?”, e fui saindo. Ele falou: “Ah, não dá...”. Uma história ótima!

MAIS 60 Em uma entrevista, você falou sobre a sua aproximação com a Clarice Lispector...

VILMA Minha amiga, fez análise comigo. Análise de grupo no Rio de Janeiro.

MAIS 60 Você sugeriu, na Unicamp, que proibissem por dez anos que os alunos escrevessem teses sobre a Clarice, achei genial: “Clarice é pouco conhecida e virou santa como Fernanda Pessoa, se aproximam dela para adorar. É preciso ler sua escrita e abandonar o mito”.

VILMA Pois é, porque ninguém mais lê a Clarice, já chegam para adorar. Não é possível.

MAIS 60 E a gente vê muito nas redes sociais (Facebook, Instagram etc.) frases referenciando Clarice Lispector...

VILMA Nem sei se são dela. Conheço muito a obra dela e fico pensando: essa frase, será que é

da Clarice? Como ela é muito irregular..., quando eu falo isso, as pessoas querem me matar. Ela é irregular. Quando ela acerta, ela acerta de boca e por isso que ela é genial. É como nós. Nós temos coisas boas e algumas coisas péssimas. É essa mistura. Isso é risco, colocar a pessoa ali como uma santa. Sem ao menos conhecê-la, conhecer suas obras.

MAIS 60 O que é mais difícil, escrever ou envelhecer?

VILMA Mais difícil? Envelhecer, claro. Escrever, você escreve. Escrever significa reescrever. Ler significa reler, isso eu falo para meus alunos até hoje. Eu tenho aluno até hoje. Um livro de poema, você tem que ler um poema por dia. De manhã você dá uma olhadinha, dá uma lida, no meio do dia você dá outra olhada com atenção, já muda, você tem que conviver com aquele texto. Eu só escrevo coisas muito curtas. É a mesma coisa. É um tipo de poesia, quer dizer, você tem que ler, reler, a coisa é essa, a receita é essa, mas

tem que reler. Escrever é difícil, mas você pode reescrever. Eu deixo na gaveta. Eu tenho dois gavetões que estão cheios de coisas. Sempre coisa de jornal, porque também é uma maneira de você resistir à ficção, que eu fiquei enjoada. O mundo como está, o Brasil como está, você ficar inventando coisa, não quero. Muito chato isso.

MAIS 60 O que você acha da literatura brasileira atualmente?

VILMA Olha, eu acho que ela é boa. Eu acho que escrevem muito, mas também acho que... Bom, tudo virou mercadoria, se você resistir a isso, você fica meio fora, não tem jeito. Então, tem que escrever muito. Os editores falam, tem que escrever um livro por ano, o nome não pode sair da vitrine. Sai com isso, não tenho nada com isso, mas é. Gostam de livro grande, gostam muito de enredo. Eu já não gosto muito de enredo, gosto de enredinho, mas não gosto daqueles enredos. Depois de Proust², depois de grandes autores, mesmo Graciliano, Machado... Agora, os meninos vieram aqui para eu dar umas aulas para eles, e eu dou tudo de graça, por que vou cobrar? Bobagem, né.

MAIS 60 Quais são seus projetos atuais e futuros.

VILMA Bom, o futuro está ali pertinho ((risos)), estou com um livro que tenho que acabar, porque a editora me cobrou. Eles têm que ter uma bibliografia do que eles têm... um catálogo.

² Marcel Proust (Auteuil-Neuilly-Passy, França, 10 de julho de 1871 – Paris, França, 18 de novembro de 1922) intelectual francês, escritor de romances e ensaios e crítico literário, conhecido sobretudo pela sua obra *Em Busca do Tempo Perdido*.

MAIS 60 Vilma, você consegue olhar para a literatura como algo que te salvou de alguma maneira? Enfim, como você julgaria o papel dela na sua vida?

VILMA Foi importante para a minha vida. Eu morreria se não fosse isso. Fui uma criança muito solitária, ficava lendo, rabiscando algumas coisas, isso para mim foi fundamental, e é cada vez mais. Agora, nessa loucura toda... A gente sofre com isso. Eu sofro, tenho uma história mais longa, vivi outra ditadura, perdi o marido que eu adorava, perdi muitos amigos. E aí, quer dizer, sempre vou escrever uma coisa... existe outro clima, não sei, existe uma névoa, mesmo que seja ligada aos assuntos e tal, mas é uma proteção. É outro lugar. Para mim, é vida ou morte. Se me proibissem de escrever, e olha que eu escrevo pouco, eu escrevo muito e publico pouco. A verdade é essa, mas eu escrevo muito. Acho que se me proibissem não daria certo.

MAIS 60 Hoje em dia você dá aula em casa?

VILMA É, estou dando, mas nem sei se vou continuar. Adoro, leio as coisas todas... Então, têm umas dez pessoas que de 15 em 15 dias se reúnem aqui e a gente conversa, porque eles leem o livro antes, nós conversamos. Então, eu pedi para eles lerem *Dom Casmurro*. Foi um choque. Eles leram, 15 dias para ler, depois nós vimos a melhor crítica sobre *Dom Casmurro*, e eles ficaram chocados quando viram que o Dom Casmurro é um crápula. Foi uma americana que leu o livro e disse: "Mas esse cara é um crápula!". Nós estamos tão acostumados com a indecência social, a verdade é essa, que é normal.

MAIS 60 Quer dizer, você continua produzindo...

VILMA Continuo, eu continuo escrevendo também.

MAIS 60 E o amor existe?

VILMA Nossa, amor existe completamente, o que é isso? Não existe amor? Eu era muito tola, do interior. Quando fui para a Inglaterra, entendi o que era a vida, uma vida mais livre, mais madura, mais democrática... Aconteceu uma coisa, para vocês verem o clima. Em Londres, numa rua estreita, atravessei no sinal vermelho. Daí veio aquele guarda, não sei se hoje é assim, um guarda enorme, sem arma, chegou perto de mim e falou “que cor é aquela?”. Eu falei, “vermelha”. “E o que significa?” “Que eu não posso atravessar.” “E o que você fez?” “Eu atravessei, mas não vinha nenhuma máquina.” Não se trata de máquina, trata-se da lei. E podia acontecer alguma coisa inesperada e eu não estava preparada. Então, tem que obedecer, ele falou comigo emburradíssimo “não vou fazer nada porque você é estrangeira, mas considere-se severamente repreendida”. Existe isso? Uma coisa civilizada, né? Considere-se severamente repreendida, eu me considerei, até dei um beijo nele. Fiquei tão contente, me deu um contentamento, na verdade, ele me perdoou. Não há nada como o perdão. É muito bom. Agora, amor existe à beça, a todo momento, o que é isso?





ESCULTURA

Passei o sábado com meu avô

/por Marcelo Tolentino

RAIO-X

Marcelo Tolentino

Nascido em Fortaleza-CE em 1986 e criado em São Paulo-SP. Formado em Comunicação Social pela ESPM, atualmente é professor de artes na escola Avenues e artista visual multimídia com foco em escultura e desenho. Seu e-mail é marcelo.m.tolentino@gmail.com







Por volta dos meus três anos de idade meus pais decidiram se mudar para São Paulo. Meu irmão havia acabado de nascer e na época morávamos em São José dos Campos. O sobrado no Tatuapé que nos recebeu era a casa dos meus avós maternos e, na ausência de quartos desocupados, eu e meu irmão dormíamos em colchões que ficavam no pé e na lateral da cama deles. Naquela época tudo era diversão com o vovô Heber, que apesar das tentativas malsucedidas com truques de mágica, datilografava na máquina de escrever sem olhar para as teclas, conseguia mexer as orelhas e tinha uma habilidade incrível para descascar laranjas sem que a casca se partisse. Ele era um homem bom, lembro que passava os dias de aposentado resolvendo burocracias dos parentes, além de sempre visitar diversos mercados para comparar os preços dos produtos e assim garantir que estava economizando. Nos finais de tarde, caminhava fumando um cigarro que era assoprado ao invés de tragado – uma das coisas que reforçava seu ar ingênuo.

Meu avô nasceu em Avaré, em 1925. Aos 17 anos veio com toda a família para São Paulo. Ele me contava histórias que viveu na infância e na adolescência, como quando ajudava seu tio a fazer “pilulinhas” na farmácia, ou quando trabalhou na sorveteria de um parente. Eu gostava especialmente de uma, repetida com certa frequência, em que um amigo, se passando por ele, dedicou uma música na rádio para uma menina comprometida, o que fez com que meu avô ficasse escondido sem ir à escola por vários dias seguidos para evitar uma confusão – ele sempre foi de evitar confusões.

O tempo foi passando, eu já sabia as histórias do meu avô de cor, mas o fato é que nunca entramos em um carro com destino a Avaré para que essas lembranças se ambientassem com mais precisão. Os últimos anos de sua vida foram dominados pelo Alzheimer e com a doença nasceu em mim certa frustração e arrependimento por nunca ter conhecido Avaré na companhia ele.

Quando eu perdi meu avô, no final de 2011, estava morando nos Estados Unidos. Assim que voltei para o Brasil, em uma tentativa de reviver um tempo com ele, decidi fazer, de memória, uma pequena escultura em bronze do seu corpo já fragilizado.

Ao receber o convite para colaborar com essa edição da revista, cujo tema principal é turismo, surgiu a ideia de fazer outro retrato escultórico do meu avô, em uma pose que era cotidiana para ele e que, geneticamente ou por hábito, também se tornou confortável para mim, e finalmente viajar para Avaré na sua companhia, ainda que simbólica.

Em Avaré, visitei lugares que eram sempre lembrados por ele: a fonte da praça, o coreto, a escola, as igrejas, e a rua em que ele morou. Imagino que se ele estivesse lá comigo, se sentiria um pouco turista na própria cidade – ele sempre se impressionava com as mudanças que aconteceram no Tatuapé, era comum ouvir da sua boca “isso aqui mudou muito”. Tenho certeza que seria um choque para ele ver as modernidades que tomaram o espaço da memória.

Uma coisa curiosa foi ver a reação dos moradores da cidade, que ao passarem pela escultura queriam saber quem era a pessoa representada naquela pequena figura de quarenta centímetros. Os que me perguntaram se era uma pessoa importante ouviram que sim, certamente. A escultura de gesso encontrou uma mureta alta na Rua Mato Grosso, onde ele morou, e assim me despedi de Avaré com a sensação de ter diminuído um pouco o débito que tinha com esse cara que deixou tantas saudades.

Não posso deixar de agradecer a companhia do amigo e fotógrafo Rodrigo Fonseca, responsável pelos lindos registros dessa visita, e do sempre generoso Newton Santana, meu mestre de escultura, que acompanhou meus passos escultóricos desde o primeiro dia e passou a fazer parte do meu grupo de grandes amigos.















PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Alegria de Viver: Envelhecimento com Poesia

RAIO-X

Paula Cristina Bernardo

Mestra em educação,
bacharel e licenciada
em história pela
Universidade de São
Paulo (USP), animadora
cultural do Sesc Jundiaí
e responsável pelo
Trabalho Social com
Idosos (TSI) da unidade.





Relatar a experiência do Sarau Alegria de Viver, que faz parte do Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc Jundiaí, é falar essencialmente de vida e superação de desafios na construção coletiva de um projeto feliz de velhice. Há um ano e meio o projeto está se apresentando enquanto laboratório para um exercício protagonista dessa velhice, ao mesmo tempo em que busca desconstruir estereótipos e preconceitos. Surgiu a partir de um Ponto de Encontro (reuniões mensais com os idosos frequentadores) em que foram elencadas sugestões de temas para o trabalho ao longo dos anos de 2018 e 2019.

Com participação de 85% de mulheres, o grupo do TSI do Sesc Jundiaí tem como principal característica o gosto pela dança, música e atividades esportivas. Até então, tinha pequeno contato com a poesia e poucos participantes, inclusive, tinham prazer ou hábito de leitura. A ideia de fazer um sarau surgiu de uma provocação poética, um desafio proposto que foi aceito pelos idosos. Foram pautadas oficinas que tratavam do conceito, um pouco da sua história e como organizá-lo. Um grupo de dez voluntários se reuniu com assessoria do Sarau da Coisa e do Núcleo 12, especialistas na produção desse tipo de evento em Jundiaí. Com o auxílio dos contratados, juntos, formataram uma proposta em que o protagonismo era dos idosos e idosas. A assessoria ajudou na produção, na organização da atividade e do grupo, que inicialmente era pequeno. No entanto, ao longo do processo de preparação, outras pessoas se interessaram em ajudar e o grupo cresceu.

A primeira apresentação aconteceu em 2018, na Área de Convivência do Sesc Jundiaí, envolvendo cerca de 25 pessoas com 60 anos ou mais, inclusive pessoas que não frequentavam constantemente as reuniões do Ponto de Encontro mas se identificaram com a proposta. Foi uma onda de alegria,

uns contagiando os outros, em um sarau em que expressaram suas histórias e anseios, mas que acima de tudo celebrou a vida! Na programação havia de tudo um pouco, dança, poesia, causos, apresentações musicais etc. Foram criados por eles alguns quadros como: A Fila Anda, uma fila de pessoas em que uma lê um verso ou pensamento e passa a vez para a próxima; a Tia Mônica, dança sincronizada com um trava-línguas que colocou todo mundo pra dançar e se divertir; e a Gaiola dos Pensamentos e Poemas, com uma gaiola cheia de textos em que os participantes podiam sortear e ler; entre outros.

Durante as oficinas e os encontros muitos talentos foram revelados, entre eles o mestre de cerimônias, que tem apresentado todas as edições com esmero, e as dançarinas e coreógrafas, que criaram, dirigiram e ensaiaram vários quadros. Alguns idosos já estão escrevendo seus próprios poemas, perdendo a vergonha de ler em público e descobrindo o mundo da poesia. Muitos obstáculos estão sendo superados, entre eles a mediação de conflitos entre os participantes, que estão exercitando a alteridade e a empatia.

Uma das coisas que chamou a atenção no primeiro sarau foi o envolvimento intergeracional. Diferentes gerações participaram do evento e adoraram a experiência. Isso nos despertou uma reflexão que ainda está presente em nossas reuniões mensais: expressar essa alegria de viver é uma forma de superar paradigmas e desconstruir preconceitos? Se foi possível cativar as pessoas e envolvê-las nessa alegria, é possível provocar essa reflexão de forma desarmada? A interação com o público interno e externo ao Sesc foi muito espontânea e deu visibilidade a outras possibilidades de continuidade. Uma delas surgiu com o convite da Gerência de Estudos e Programas Sociais (Gepros) do Sesc São Paulo para participar da inauguração do Sesc Guarulhos, onde levamos uma delegação

de Jundiá com os sarauzeiros e um grupo de agregados que vem acompanhando, divulgando e prestigiando as apresentações.

Ainda em 2019, surgiu um desafio maior: organizar um Cá Entre Nós (encontro em que os idosos de uma unidade do Sesc preparam um dia de programação para receber pessoas com 60 anos ou mais de outras unidades), em que o protagonismo idoso fosse ainda maior. E foi exatamente o que aconteceu. O grupo de sarauzeiros aumentou, foram criadas equipes de trabalho, cada uma responsável por uma tarefa: se dividiram para selecionar os poemas, confeccionar os adereços, ensaiar as danças, escrever o texto do mestre de cerimônias etc. Foram realizadas mais oficinas para confecção de figurinos e rever os quadros, dando mais tempo também para a participação da plateia. O sarau aumentou de 30 minutos para 2 horas e o Alegria de Viver continuou cativando corações.

Depois dessa oportunidade, o Sarau Alegria de Viver ampliou seus horizontes e hoje pode ser considerado como uma referência, em construção, de protagonismo idoso. Apresentou-se em mais dois grandes eventos em que o idoso era o centro dos debates: o Longevidade Expo Fórum e o Seminário sobre Envelhecimento, Atividade Física e Cognição. Após todas essas apresentações o sarau já possui dois formatos, um completo, de 2 horas, com todos os quadros criados, e uma versão pocket de 30 minutos.

Ainda que vários estudos apontem para o aumento da população de pessoas com 60 anos ou mais, concomitante ao aumento da expectativa de vida, o preconceito ainda impera. Arraigado nos alicerces da sociedade está a ideia de velhice enquanto preparação para o fim da vida, atribuindo a essa fase menos possibilidades criativas e de integração social. O que nos leva a perguntar sobre o papel social do velho e da velha na

sociedade contemporânea. Para além disso, nos arranjos familiares, muitas vezes, são arrimos de família e/ou responsáveis por parentes (filhos, netos, mães, pais etc.). Nessas circunstâncias, ficam em segundo plano seus desejos, vontades e sonhos em favor do cuidado com os familiares. Isso ocorre, principalmente, na velhice feminina, restringindo as possibilidades de interação social e relegando o idoso ao convívio familiar em detrimento de novas descobertas com pessoas da sua geração. A família é um alicerce muito importante na velhice. Constitui uma rede de apoio necessária no acompanhamento afetivo do envelhecimento dos entes queridos. Mas há que se interrogar: até que ponto essa rede liberta ou aprisiona? Até que ponto se compreende a necessidade de novas experiências e novas descobertas na velhice? Por que parece estranho às pessoas, em geral, a ideia de descobrir novos talentos, novas habilidades, competências, novos sonhos, novos desejos na velhice? Por que ela não pode ser a fase da ousadia? É muito importante a convivência com filhos e netos, mas é tão importante quanto a ampliação dessas redes de inter-relação social, com pessoas que estão além do núcleo familiar. Nessa ampliação de horizontes é possível experimentar o que até então se considerava restrito aos jovens: a alegria de viver. E assim descobrir um novo hobby, um novo talento, um novo amor...

Em um diálogo que tivemos sobre os sentidos da velhice, várias falas dos idosos participantes do projeto demonstram sua leitura sobre ser velho e ser velha, entre elas: “Eu estou aposentado, já dei minha contribuição à sociedade, hoje quero desfrutar a vida e fazer tudo que gosto, praticar esportes, viajar, namorar sem ter que provar nada a ninguém. O que eu quero mostrar é minha alegria de viver” (Carlos Alberto de Oliveira). Em outra fala surge a seguinte reflexão:

“A velhice é uma fase de descobertas também. Sim, é verdade que tem dores, perdas, limitações, mas precisamos celebrar que estamos vivos! Ser feliz, fazer novos amigos, conhecer novos lugares e sempre estar conectado com o mundo” (Rosalva Teixeira). “Quem não envelheceu é porque já morreu” (Maria Lúcia Esteves).

Assim nasceu e dessa forma vem caminhando o projeto do sarau, como uma fonte de alegria e descontração. Nos relatos sobre suas memórias de vida, vários idosos declararam que estão dispostos a viver fora dos padrões impostos, mas para compreensão dos significados implícitos nessa fala, se faz necessário dar continuidade aos questionamentos sobre a relação entre ser velho e velha e outras interseções sociais. Neste momento, para redesenhar contornos e conteúdos do projeto para 2020, surgem mais interrogações e elas são extremamente importantes para aperfeiçoar a experiência. Em que medida o sarau os coloca num lugar de fala protagonista? O que ele representa do ponto de vista de mudança de paradigmas e desconstrução de estereótipos e preconceitos? Mais que isso, quem são essas pessoas depois de passar por essa vivência?

São interrogações que levaremos adiante mas, por hora, o Sarau Alegria de Viver tem sido para aqueles que o assistem, mas principalmente para quem dele participa, uma oportunidade

de aprendizado sobre o outro e com o outro, em que se aprende a respeitar limites e potencialidades, exercitar a empatia e a alteridade, além de uma forma de expressão de sentimentos, emoções, memórias, leituras de mundo e reflexões.

Os novos capítulos dessa história apontam para um redesenho e aperfeiçoamento do trabalho, levando o grupo a experimentar outras estéticas poéticas e outras formas de fazer um sarau, provocando reflexões não só sobre o seu papel social, bem como o que é ser velho ou velha na sociedade brasileira do século XXI. Recentemente, a poetisa e atriz Elizabeth Brait Alvim veio dar sua contribuição, trazendo a percepção da linguagem do corpo poético, da voz e suas dramaturgias e, assim, propondo um novo desafio de experimentação. Ela trouxe outra estética para a pauta, desvelando sentidos e formas de expressão que ampliam horizontes e nos colocam diante de novos desafios e aventuras para o próximo ano.

Num constante desafiar de valores, limites e criatividade, esse projeto tem por meta sensibilizar as gerações para a compreensão de que a velhice não é o fim, é apenas mais uma outra fase da vida, que pode ser tão alegre quanto qualquer outra, afinal é preciso: “Viver e não ter a vergonha de ser feliz! Cantar e cantar e cantar a grandeza de ser um eterno aprendiz!” (Gonzaguinha).



“Viver e não ter a vergonha de ser feliz! Cantar e cantar e cantar a grandeza de ser um eterno aprendiz!” (Gonzaguinha).



RESENHA/FILME

Ella e John: Uma Trajetória pelo Amor

por Ioná Damiana de Souza



Determinados a fazer uma grande viagem, o casal Ella e John pegam a estrada com seu velho trailer, batizado *The Leisure Seeker*, título original do filme, que pode ser livremente traduzido como “o caçador de lazer”. O filho mais jovem se desespera ao constatar a ausência dos pais, cuja idade é avançada, e convoca sua irmã para convencê-los a retornar para casa. A trama do road movie vai se desenvolvendo em momentos que revelam os dilemas dos personagens principais.

O ritmo do filme é dado por essa trajetória de carro, na qual há uma percepção imediata da passagem do espaço e tempo pela mudança das paisagens. Essa sensação de presença real entremeada pelas paradas ilustra a rotina que se estabelece entre o casal durante a viagem, e permite revelar de forma delicada sua condição humana, dando outro sentido à jornada. John é um professor de literatura apaixonado por Ernest Hemingway, capaz de recitar trechos da obra de cor e fazer belas digressões críticas conversando com as figuras com as quais vai encontrando. Seu jeito um tanto aéreo, que lhe confere ares de excentricidade, vai aos poucos dando lugar ao reconhecimento de um real problema de memória em decorrência de uma doença degenerativa. No lugar da mulher que se dedicou aos cuidados da família ao longo da vida, um tanto recorrente



RAIO-X

Ioná Damiana de Souza

Socióloga pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo (ESP) e especialista em Pesquisa de Mercado em Comunicação pela ECA/USP. Atualmente é assistente técnica na Gerência de Estudos e Desenvolvimento do Sesc em São Paulo.

iona@sescsp.org.br

na geração feminina que chegou à terceira idade nos dias atuais, Ella assume a responsabilidade por todas as providências práticas. Suas crises de cansaço revelam-se aos poucos como sintoma de um câncer.

Ainda que traga um dos estereótipos que acompanham o envelhecimento, a incidência de doenças, a abordagem mais significativamente trabalhada é a perda de autonomia. Talvez uma das proezas do filme seja justamente a de propor uma trama na qual o casal resolve desfrutar um pouco de liberdade por meio da viagem, desafiando a rotina de cuidados que os limitava. Ella confere a si mesma uma potência realizadora que parecia distante ao levar o marido para conhecer a casa onde morou o escritor tão admirado.

Interpretados por Helen Mirren e Donald Sutherland, os personagens ganham densidade pelo empenho na atuação e, sobretudo, por um entrosamento genuíno, que somente os atores experientes sabem forjar. Há um clima de cumplicidade comovente entre os dois, mostrando um afeto de amplo espectro, capaz de oscilar

entre polaridades opostas sem se quebrar. Absolutamente irascível na tarefa de ajudar o marido a exercitar a memória, Ella estimula retrospectivas constantes que raramente surtem efeito, mas contribuem para conhecer a trajetória dos personagens. Ao citar um evento retroativo, ela traz o contato com o passado, e, ao esquecer tudo imediatamente, John a convoca para uma entrega completa ao momento presente. Esse movimento recorrente traz nuances ora dramáticas, ora cômicas para o tema da degeneração da memória.

A direção de Paolo Virzi resulta em um filme leve que não perde a complexidade do tema a que se propõe explorar, algo que fica patente na abordagem do amor amadurecido, da sexualidade, das vulnerabilidades decorrentes do envelhecimento e mesmo de um processo de elaboração da inevitável finitude da vida. O fator viagem, que impõe novas rotinas e os desafia ao imprevisto, reforça vínculos e ao mesmo tempo permite ao casal a realização do desejo de conduzir seu próprio destino.



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS REVISTA MAIS 60: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

A revista *mais 60: estudos sobre envelhecimento* é uma publicação multidisciplinar, editada desde 1988 pelo Sesc São Paulo, de periodicidade quadrimestral, e dirigida aos profissionais que atuam na área do envelhecimento. Tem como objetivo estimular a reflexão e a produção intelectual no campo da Gerontologia, seu propósito é publicar artigos técnicos e científicos nessa área, abordando os diversos aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário, não serão encaminhados para a Comissão Editorial.

- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação, que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve ser informado em nota à parte sob qual forma e onde foi publicado (revista; palestra; comunicação em congresso etc.).
- Ao(s) autor(es) será(ão) solicitado a Cessão de Direitos Autorais conforme modelo Sesc São Paulo – quando da aceitação de seu artigo. Os direitos de reprodução (copyright) serão de propriedade do Sesc São Paulo, podendo ser reproduzido novamente em outras publicações técnicas assim como no Portal Sesc São Paulo www.sescsp.org.br.
- Os conceitos emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da Comissão Editorial da Revista.
- Todos os artigos enviados, e **que estiverem de acordo com as normas**, serão analisados pela Comissão Editorial que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de aceitação do artigo, o(s) autor(es) será(ão) contatado(s) pelo correio eletrônico e terá(ão) direito a receber 01 (um) exemplar da edição em que seu artigo for publicado.
- Os artigos devem ser enviados para o endereço eletrônico revistamais60@sescsp.org.br.
- Os artigos devem conter enviar uma breve nota biográfica do(s) autor(es) contendo: o(s) nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para

contato; se for o caso, indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.

- Os direitos de reprodução (copyright) dos trabalhos aceitos serão de propriedade do Sesc, podendo ser publicados novamente e o autor também autoriza disponibilização no sítio www.sescsp.org.br.
- Os trabalhos aceitos serão submetidos à revisão editorial e apenas modificações substanciais serão submetidas ao(s) autor(es) antes da publicação.

APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

- a) Os **ARTIGOS** deverão ser apresentados em extensão .doc ou .docx e devem conter entre 20.000 e 32.000 caracteres, sem espaço, no total. Isto é, incluindo resumo, *abstract*, bibliografia.
- b) O **RESUMO** deve apresentar de forma concisa o objetivo do trabalho, os dados fundamentais da metodologia utilizada, os principais resultados e as conclusões obtidas e conter cerca de **200 palavras**. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as palavras-chave.
- c) O **ABSTRACT** também deve conter cerca de 200 palavras e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as *keywords*.
- d) O **ARTIGO** deve conter: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão ou Considerações Finais, *não necessariamente com essa denominação*.
- e) As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas ou as Normas de Vancouver.
- f) **CATEGORIAS DE ARTIGOS**: Resultados de pesquisa (empírica ou teórica), Relatos de experiência, Revisão de literatura.
- g) **ILUSTRAÇÕES**: As ilustrações (gráficos, fotografias, gravuras etc.) devem ser utilizadas quando forem importantes para o entendimento do texto. Pede-se que fotos (mínimo 300 dpi), mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma que permitam a qualidade da reprodução. As ilustrações deverão ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor.
- h) **FOTOS**: No caso de utilização de fotos (necessariamente em alta resolução, mínimo de 300 dpi) devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo (modelo Sesc São Paulo).



O Sesc – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O Sesc de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o Sesc São Paulo conta com uma rede de 40 unidades, disseminadas pela capital, grande São Paulo, litoral e interior do estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

CONSELHO REGIONAL DO SESC – 2014-2018

Presidente Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional Danilo Santos de Miranda

Membros Efetivos Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva, Valterli Martinez

Membros Suplentes Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes, William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Membros Efetivos Abram Szajman, Ivo Dall’Acqua Júnior,
Rubens Torres Medrano

Membros Suplentes Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre,
Vicente Amato Sobrinho

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

Volume 30 | Número 75 | Dezembro de 2019

NESTA EDIÇÃO:

A partir dos processos contemporâneos associados ao envelhecimento e à prática do turismo, Susana de Araujo Gastal e Felipe Zaltron de Sá discutem a necessidade de considerar os lados humano e social das atividades que envolvem as viagens no artigo intitulado *Mobilidade e Memória: Tecendo Interrelações entre Turismo e Envelhecimentos*. Em diálogo com o texto, o artista Marcelo Tolentino viaja com a escultura de seu avô para lugares de afeto e registra como foi essa experiência.

No artigo *Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias: O Caso da Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo*, Marcelo Vilela de Almeida e Patrícia Aparecida da Silva Novak abordam um projeto de extensão desenvolvido no âmbito da Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP).

A Aplicabilidade do Estatuto do Idoso nos Dias Atuais; Projeto Papo com Homens no Sesc Pará: Um Relato de Experiência; e Educação Permanente na Vida de Pessoas Idosas Frequentadoras do Sesc São Paulo compõem a seção de artigos.

O sarau realizado no Sesc Jundiaí e o processo criativo dos idosos é tema do Painel de Experiências: *Alegria de Viver – Envelhecimento com Poesia*; o filme *Ella e John: Uma Trajetória pelo Amor*, de Paolo Virzi, resenhado por Ioná Damiana de Souza, e a entrevista com Vilma Arêas, escritora, professora de literatura brasileira e vencedora do prêmio Jabuti 2019 (categoria contos) completam esta edição.

sescsp.org.br



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em

